



Ispas

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

**Vivências de Sexualidades *Kinky*:
Autoidentificação e Sentimento de
Pertença Comunitária em Adultos
Portugueses**

MARIANA RITA SERRA DUARTE

Professora de Seminário de Dissertação:

EVA DUARTE

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Especialidade em Psicologia Clínica

2024/2025

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof.^a Doutora Eva Duarte, apresentada no Ispa – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Escrevi esta tese há procura de um lugar onde possa ter lugar, num ano em que tantas ausências me ensinaram o peso da perda e a necessidade de resistência. Ao longo deste percurso, percebi que a identidade não se mede apenas pelo que fazemos, mas pelo que reconhecemos em nós. Há quem viva as práticas sem se nomear, e quem encontre num nome o lugar a que pertence.

À minha orientadora, Eva, obrigada por me teres deixado ser humana. Escolhi-te porque vi em ti algo que me era familiar e essa escolha não me falhou. Aos professores que me acompanharam ao longo dos anos agradeço por verem o que eu não via.

À minha namorada, obrigada por seres presença, carinho e cuidado até nas partes mais frágeis de mim.

À minha melhor amiga, obrigada por me dares sempre um lugar onde o mundo desacelera e não há filtros. Nunca saberei agradecer o teu amor tranquilo e constante.

Ao Bruno, pela escuta incansável e pela amizade que nunca me fez sentir “demais”. Ao meu chefe, Teófilo, obrigada pela flexibilidade, pela confiança e por me teres permitido conciliar o meu trabalho com investigação.

Ao meu psicólogo, por me lembrar que vulnerabilidade também é força e que não preciso de ser perfeita para merecer descanso.

Aos meus avós maternos, obrigada pelo lar-refúgio e por me deixarem ser, sem perguntas, sem exigências, só com amor e presença. Aos meus avós paternos, pela ajuda que tornou possível a concretização deste caminho. Esta tese também vos pertence, mesmo que em silêncio.

À minha mãe, obrigada por teres sido mãe e pai. Por segurares o mundo com uma mão e a minha mão com a outra. Ao meu padrasto, sei que muitas vezes as palavras faltam entre nós (ironicamente porque tu achas que falo demais), mas foste presença. E isso vale muito.

Aos meus amigos, obrigada por me lembrarem que a vida é mais do que obrigações e dor. Por me devolverem a mim mesma nos dias em que me perdi.

Agradeço também a todas as pessoas que participaram neste estudo, por confiarem, por se abrirem, por partilharem partes íntimas de si num questionário que exige coragem e autenticidade. Sem vocês, esta tese não teria existido. Obrigada por tornarem visível um universo tantas vezes invisibilizado.

Obrigada a quem ficou. Obrigada a quem me viu. Esta tese também é vossa.

Resumo

Apesar da sexualidade constituir uma dimensão central da experiência humana, expressões como *kink* continuam a ser alvo de estigma e invisibilidade social. O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre fantasias, atividades e papéis *kinky*, explorando o papel da autoidentificação como *kinky* e do sentimento de pertença comunitária. Os participantes (N=430), com idades entre 18 e 63 anos (M=29.2), responderam ao Inventário de Fantasias e Atividades *Kinky* (IFAKBDSM), ao Índice de Sentimento de Comunidade II (versão adaptada) e a um questionário complementar sobre práticas, papéis e pertença comunitária. Os resultados indicam uma prevalência muito elevada de fantasias (91.6%) e atividades (87.4%), destacando-se submissão, dominação, masoquismo e fetichismo como as mais comuns. Verificaram-se diferenças significativas em função do género e da orientação sexual, bem como maior envolvimento em participantes residentes em meios urbanos. A autoidentificação como *kinky* associou-se a maior frequência de fantasias e atividades, maior concretização e diversidade de práticas, embora a consistência dos papéis tenha sido superior nos não identificados como *kinky*. A pertença comunitária, reportada por 10.9% da amostra, associou-se a maior concretização e frequência de práticas, mas também a maior fluidez dos papéis. As implicações para a prática clínica, limitações e direções futuras serão discutidas, com foco na necessidade de abordagens *kink-affirmative* e despatologizantes.

Palavras-chave: Sexualidade, Fantasias, Atividades, BDSM, *Kinky*, Identidade, Pertença Comunitária

Abstract

Although sexuality is a central dimension of human experience, expressions such as *kink* remain subject to stigma and social invisibility. The present study aimed to examine the relationship between *kinky* fantasies, activities, and roles, while exploring the role of self-identification as *kinky* and the sense of community belonging. Participants (N = 430), aged between 18 and 63 years (M = 29.2), completed the *Kinky* and BDSM Fantasies and Activities Inventory (IFAKBDSM), the adapted Sense of Community Index II, and a complementary questionnaire on practices, roles, and community involvement. Results indicated a very high prevalence of fantasies (91.6%) and activities (87.4%), with submission, domination, masochism, and fetishism being the most common. Significant differences were found according to gender and sexual orientation, as well as higher involvement among participants living in urban areas. Self-identification as *kinky* was associated with higher frequency of fantasies and activities, greater realization of fantasies, and a wider diversity of practices, although role consistency was higher among those not identifying as *kinky*. Community belonging, reported by 10.9% of the sample, was associated with greater realization and frequency of practices, but also with greater role fluidity. Clinical implications, limitations, and directions for future research are discussed, emphasizing the need for *kink*-affirmative and de-pathologizing approaches.

Keywords: Sexuality, Fantasies, Activities, BDSM, *Kinky*, Identity, Community Belonging

INDÍCE

Introdução	1
O Presente Estudo	5
Métodos.....	7
Participantes	7
Instrumentos	8
Operacionalização da Variável “Autoidentificação como Kinky”	8
Inventário de Fantasias e Atividades Kinky - IFAKBDSM (Secção 1)	9
Índice de Sentimento de Comunidade II - Versão Adaptada para o Contexto Kinky	10
Questionário sobre o Contexto Kinky/BDSM.....	10
Questionário Sociodemográfico	12
Procedimentos	12
Procedimentos de Análise	13
Resultados.....	14
Vivências da Sexualidade Kinky/BDSM	14
Características Pessoais e Vivências <i>Kink</i>	17
Autoidentificação como <i>Kinky</i> e Sentimento de Pertença Comunitária	21
Discussão.....	23
Implicações para a Prática Clínica	27
Limitações e Indicações para Estudos Futuros	28
Conclusão.....	29
Referências Bibliográficas.....	30

INDÍCE DE ANEXOS

Anexo A. Revisão de Literatura Extensa.....	37
Anexo B. Referências da Revisão de Literatura Extensa	49
Anexo C. Consentimento Informado.....	57
Anexo D. Inventário de Fantasias e Atividades <i>Kinky</i> (IFAKBDSM).....	58
Anexo E. Índice de Sentimento de Comunidade II – Versão Adaptada para o Contexto <i>Kinky</i>	62
Anexo F. Questionário do Contexto <i>Kinky</i> /BDSM.....	65
Anexo G. Questionário Sociodemográfico.....	68
Anexo H. Caracterização Sociodemográfica e Descritiva da Amostra.....	69
Anexo I. Estatísticas Descritivas dos Instrumentos.....	71
Anexo J. Distribuição de Frequência e Padrões de Envolvimento	77
Anexo K. Sentimento de Pertença Comunitária e Participação	78

INDÍCE DE TABELAS

Tabela 1. <i>Dados sociodemográficos dos participantes (N = 430)</i>	7
Tabela 2. <i>Análise descritiva dos participantes com fantasias e atividades kinky/BDSM</i>	15
Tabela 3. <i>Distribuição dos papéis kinky em função do género (N =62)</i>	16
Tabela 4. <i>Diferenças entre grupos (fantasia e atividade) consoante o género (feminino, masculino)</i>	17
Tabela 5. <i>Comparação entre participantes do género feminino e masculino nas dimensões de fantasias e atividades kinky (H3–H5)</i>	19
Tabela 6. <i>Associação entre orientação sexual e adoção de papéis kinky (H6)</i>	19
Tabela 7. <i>Comparação entre indivíduos heterossexuais e não heterossexuais nas dimensões de fantasias e atividades kinky (H7–H9)</i>	20
Tabela 8. <i>Diferenças entre grupos na frequência e consistência das práticas kinky em função da autoidentificação como kinky (H11–H17)</i>	21
Tabela 9. <i>Correlações entre práticas e papéis kinky em função da pertença comunitária (H1e H18)</i>	22
Tabela H1. <i>Estatísticas descritivas da variável idade dos participantes (N = 430)</i>	69
Tabela H2. <i>Dados sociodemográficos dos participantes (N = 430)</i>	69
Tabela I1. <i>Estatísticas descritivas das dimensões do Índice de Sentimento de Comunidade kinky/BDSM (N = 47)</i>	71
Tabela I2. <i>Estatísticas descritivas do Questionário do Contexto Kinky/BDSM (N = 430)</i>	76
Tabela I3. <i>Testes de normalidade (Shapiro–Wilk) para as variáveis principais (N = 430)</i> ..	76
Tabela J1. <i>Distribuição da proporção de fantasias kinky/BDSM concretizadas (n = 276)</i> ...	77

Tabela J2. <i>Distribuição do conforto com a adoção de novos papéis kinky/BDSM (N = 430)</i>	77
Tabela J3. <i>Distribuição da frequência de participação em eventos kinky/BDSM (N = 430).</i>	78
Tabela K1. <i>Domínios de desenvolvimento atribuídos à pertença comunitária (N = 47).....</i>	78
Tabela K2. <i>Participação em diferentes tipos de formação sobre kink/BDSM (N = 430)</i>	79
Tabela K3. <i>Participação em diferentes tipos de eventos kinky/BDSM (N = 430).....</i>	79
Tabela K4. <i>Distribuição da consistência dos papéis kinky e do sentimento de pertença comunitária (N = 430)</i>	79

Introdução

A crescente visibilidade do *kink* na cultura popular, aliada ao aumento do interesse científico, reforça a necessidade de compreender este fenômeno no contexto das transformações sociais que reconfiguram os entendimentos sobre sexualidade (Crane, 2022). Longe de se limitar a um conjunto de práticas marginais, o *kink* tem sido interpretado como uma forma de resistência cultural e de expressão da diversidade sexual humana (Brown et al., 2020; Richters et al., 2008; Simula, 2023). O *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5.^a ed.; American Psychological Association, 2013) contribuiu para esta visão, ao distinguir entre parafilias e distúrbios parafilicos, e reconhecer que fantasias e atividades atípicas não implicam psicopatologia.

O termo *kink* abrange fantasias, comportamentos e identidades sexuais que desafiam normas eróticas convencionais, favorecem a autoexploração e promovem a redefinição de gênero e sexualidade (Pohtinen, 2019; Weiss, 2015). Entre as práticas mais comuns incluem-se o fetichismo, o *voyeurismo* e o BDSM (conjunto de dinâmicas consensuais de poder agrupadas em *Bondage e Disciplina* (BD), *Dominação e Submissão* (DS) e *Sadismo e Masoquismo* (SM)) que integram comportamentos físicos e dimensões simbólicas e relacionais (Brown et al., 2020; Kalafatis-Russell, 2021; Niebudek & Iniewicz, 2023).

O BDSM não deve ser reduzido a dor ou violência, mas compreendido como uma prática recreativa estruturada e simbólica que integra comportamentos físicos e dinâmicas relacionais baseadas na consensualidade, na negociação e na construção de significados partilhados (Connolly, 2006; Holvoet et al., 2017; Weinberg, 2006).

Acrescem subcategorias identitárias, como fetichistas, sádicos, masoquistas, *voyeurs* e exibicionistas, que ilustram a complexidade dos papéis e identidades *kinky* (Dawson et al., 2014; Joyal et al., 2015; Rehor, 2015). Para além da esfera sexual, o BDSM pode assumir funções recreativas, identitárias e comunitárias, e estender-se a estilos de vida e formas de

pertença social que estruturam a experiência de ser *kinky* (Kalafatis-Russell, 2021; Richters et al., 2008).

Neste estudo, as práticas *kinky* englobam tanto atividades concretizadas como fantasias sexuais. As fantasias constituem construções mentais que permitem uma exploração simbólica, enquanto as atividades traduzem a sua materialização no plano comportamental (Brown et al., 2019; Joyal et al., 2015). Embora a maioria dos indivíduos relate fantasias de teor *kinky*, nem todos as concretizam, devido a fatores como o estigma, a disponibilidade de parceiros ou a escolha de manter certas experiências no plano imaginário (Joyal & Carpentier, 2016; Rehor, 2015). Esta distinção é fundamental para compreender a passagem da fantasia à ação e as diversas formas de viver a autoidentificação como *kinky*.

As fantasias *kinky* são altamente prevalentes e constituem um espaço seguro de experiência erótica e identitária, mesmo quando não se traduzem em comportamentos (Joyal & Carpentier, 2016; Niebudek & Iniewicz, 2023; Rehor, 2015). As estimativas variam amplamente consoante a definição e o contexto amostral: desde valores conservadores, com 2.2% dos homens e 1.3% das mulheres a reportarem práticas BDSM no último ano (Richters et al., 2008), até percentagens mais abrangentes que indicam 40 - 70% da população com fantasias BDSM e cerca de 20% com experiência em pelo menos uma prática (Brown et al., 2020; De Neef et al., 2019). Em Portugal, resultados do IFAKBDSM confirmam este padrão, apontando para taxas muito elevadas de fantasias (91.6%) e atividades correspondentes (87.4%), com discrepâncias nas subcategorias, como na submissão (81.7% vs. 64.4%) e no masoquismo (75.9% vs. 64.4%) (Vilhena et al., 2025).

As atividades *kinky* apresentam uma distribuição mais desigual do que as fantasias. A sua frequência depende da experiência individual, da disponibilidade de parceiros e do grau de inserção comunitária. Indivíduos menos experientes tendem a iniciar-se em práticas mais leves, enquanto praticantes com maior envolvimento as integram com mais diversidade e

regularidade no cotidiano (Graham et al., 2016; Sprott & Hadcock, 2017; Westlake & Mahan, 2023). Diferenças culturais também se observam: os europeus relatam início mais precoce de fantasias, enquanto os norte-americanos descrevem maior frequência de práticas públicas (Schuerwegen et al., 2023).

Para uma parte significativa dos indivíduos praticantes, o *kink* ultrapassa a esfera das práticas ocasionais e assume um lugar central na identidade pessoal. Dados apontam que 72.7% dos indivíduos praticantes descrevem o *kink* como uma dimensão central do *self*, entendido como gosto pessoal ou estilo de vida (Hughes & Hammack, 2019).

Estudos sugerem que indivíduos do gênero masculino tendem a identificar-se mais frequentemente com papéis de dominância, enquanto indivíduos do gênero feminino se reconhecem sobretudo em papéis de submissão e, apesar de desenvolverem fantasias em idades semelhantes, indivíduos do gênero feminino tendem a adiar a sua concretização, o que pode refletir normas sociais de gênero e maior vigilância sobre a sexualidade feminina (Martinez, 2017; Walker & Kuperberg, 2022). A prevalência de práticas BDSM é superior entre indivíduos com identidades não heterossexuais, possivelmente devido a maior abertura sexual, suporte comunitário e conforto em assumir identidades sexualmente estigmatizadas (Holvoet et al., 2017; Richters et al., 2003, 2008; Sprott, 2023).

A compreensão do *kink* enquanto identidade requer a distinção entre “ser *kinky*” e “fazer *kink*”. O primeiro conceito remete para uma autoidentificação com uma sexualidade não normativa, que está sustentada por valores de consentimento, respeito e exploração pessoal, frequentemente associada ao sentimento de pertença comunitária (Kalafatis-Russell, 2021; Crane, 2022; Simula et al., 2023). Já “fazer *kink*” refere-se à participação ocasional em práticas não convencionais, sem implicação identitária (Kalafatis-Russell, 2021).

Esta distinção ultrapassa a diferença entre identidade e comportamento e reflete o papel do contexto social e do estigma. Estudos mostram que indivíduos praticantes de BDSM

apresentam maior diversidade sexual e níveis mais elevados de abertura experimental (Joyal et al., 2015; Schuerwegen et al., 2020), o que se compreende à luz das normas sociais e das redes de apoio das comunidades *kink*, que funcionam como espaços de pertença e reconhecimento (Holvoet et al., 2017; Pohtinen, 2017). O modelo de stress de minoria (Meyer, 2003) ajuda a compreender os efeitos psicológicos do estigma sobre as identidades *kinky*. Este modelo descreve como o preconceito e a expectativa de rejeição funcionam como fontes adicionais de stress, cujo impacto pode diminuir através do suporte social e do sentimento de pertença.

As comunidades *kink* assumem um papel estruturante na consolidação das práticas e identidades, ao oferecerem proteção face ao estigma social e ao proporcionarem redes de apoio que favorecem o crescimento pessoal e relacional (Pohtinen, 2019; Simula, 2019). Funcionam também como espaços educativos, onde se transmitem normas éticas de consentimento e segurança (Sprott et al., 2019). O conceito de *kinky pride* descreve a transformação da vergonha em orgulho identitário, o que reforça a autenticidade e a resistência cultural (Pohtinen, 2019; Weiss, 2015).

Caracterizadas por diversidade sexual, fluidez de papéis e níveis educacionais elevados (Botta et al., 2019; De Neef et al., 2019; Schuerwegen et al., 2020), estas comunidades proporcionam um forte sentimento de pertença através de eventos e espaços de socialização, que validam identidades e funcionam como fator protetor contra o estigma (LeBlanc, 2020). A autoidentificação como *kinky* e o envolvimento comunitário associam-se a maior confiança e consistência identitária (Holvoet et al., 2017; Simula, 2019). Em contexto clínico, a abordagem *kink-affirmative* defende uma escuta informada, desprovida de julgamento, que reconhece o *kink* como expressão legítima da sexualidade (Kolmes et al., 2006).

O Presente Estudo

Apesar do contributo da literatura para a compreensão das práticas e papéis *kink*, poucos estudos distinguem entre indivíduos que se autoidentificam como *kinky* e aqueles que, embora relatem práticas *kink*, não assumem essa identidade. Esta investigação procura explorar precisamente essa diferença, analisando a identidade *kinky* não apenas como reflexo de atividades, mas como uma posição subjetiva.

O objetivo geral é analisar as relações entre fantasias, atividades e consistência dos papéis em função da autoidentificação como *kinky* e do sentimento de pertença comunitária. Especificamente, pretende-se: (a) examinar associações entre práticas, papéis e temporalidade do envolvimento; (b) comparar indivíduos autoidentificados e não autoidentificados quanto a práticas, concretização de fantasias e consistência dos papéis; e (c) avaliar o papel de variáveis sociodemográficas/contextuais e o efeito moderador do sentimento de pertença comunitária.

Com base na literatura disponível, formulam-se as seguintes hipóteses. Em primeiro lugar, espera-se que a frequência de fantasias *kink* se associe positivamente à frequência de atividades (H1) (Joyal et al., 2015; Joyal & Carpentier, 2016; De Neef et al., 2019; Pascoal et al., 2015).

No plano sociodemográfico, prevê-se que indivíduos que se identificam com o género masculino se identifiquem mais frequentemente com papéis de dominância e indivíduos que se identificam com o género feminino com papéis de submissão, refletindo-se nas fantasias e atividades reportadas (H2). De igual modo, antecipa-se que indivíduos que se identificam com o género masculino apresentem maior frequência de fantasias (H3), maior frequência de atividades (H4) e uma maior proporção de fantasias concretizadas (H5) (Martinez, 2017; Holvoet et al., 2017).

Quanto à orientação sexual, a literatura aponta para uma maior prevalência de práticas BDSM entre indivíduos com identidades não heterossexuais. Assim, prevê-se que estas tenham maior probabilidade de assumir pelo menos um papel *kink* (H6), apresentem maior frequência de fantasias (H7), maior frequência de atividades (H8) e maior proporção de fantasias concretizadas (H9) (Richters et al., 2003, 2008; Holvoet et al., 2017; Sprott, 2023).

Em termos contextuais, espera-se que níveis mais elevados de escolaridade e a residência em meios urbanos se associem a um maior envolvimento em práticas *kink* (H10), refletindo tanto maior acesso a informação como maior disponibilidade de espaços comunitários (Bauer, 2008; Brown et al., 2020; Ten Brink et al., 2020).

No eixo identitário, considera-se que indivíduos que se autoidentificam como *kinky* reportem maior frequência de fantasias (H11) e de atividades (H12), maior proporção de fantasias concretizadas (H13) e um número mais elevado de práticas *kink* (H14) (De Neef et al., 2019; Joyal et al., 2015; Richters et al., 2008; Schuerwegen et al., 2020; Westlake & Mahan, 2023). Espera-se ainda que a consistência temporal dos papéis seja mais elevada quando estes são assumidos como parte da identidade (H15), o que reforça a diferença entre praticar *kink* e integrar o *kink* como parte do self (Crane, 2022; Niebudek & Iniewicz, 2023).

No que respeita à temporalidade do envolvimento, propõem-se hipóteses exploratórias: indivíduos que se autoidentificam como *kinky* deverão relatar idades mais jovens para a primeira fantasia e para a primeira atividade (H16), bem como um intervalo mais curto entre fantasia e atividade (H17), dado que a integração identitária e o envolvimento comunitário tendem a facilitar a passagem da fantasia para a atividade (De Neef et al., 2019; Holvoet et al., 2017; Simula, 2019; Walker & Kuperberg, 2022; Yates & Neuer-Colburn, 2019).

Por fim, considera-se que o sentimento de pertença comunitária exerça um papel moderador (H18). Em níveis elevados de pertença, a associação entre fantasias e atividades

deverá ser fortalecida e a vivência dos papéis ganhará maior estabilidade, enquanto níveis baixos tenderão a enfraquecer estas ligações. Em paralelo, a pertença comunitária poderá também legitimar maior fluidez dos papéis, resultando em menor consistência quando o envolvimento comunitário é elevado (Bezreh et al., 2012; Cesur & Sancak, 2024; Graham et al., 2016; Hughes & Hammack, 2019; Martinez, 2017; Simula, 2017; Sprott et al., 2019; Wright, 2018;).

Métodos

Participantes

O presente estudo contou com uma amostra de conveniência de 430 participantes, de nacionalidade portuguesa e com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ($M = 29.2$; $DP = 10.6$). A maioria dos participantes identificou-se com o género feminino (64.4%), seguida do género masculino (30.7%) e de identidades não-binárias ou outras (4.9%). A maioria dos participantes reside no distrito de Lisboa (61.2%), sendo os restantes distribuídos por todos os outros distritos do país. Quanto à orientação sexual, 73.7% dos participantes identificaram-se como heterossexuais. Outros dados sociodemográficos encontram-se na Tabela 1 (ver Anexo H, Tabela 2).

Tabela 1

Dados sociodemográficos dos participantes (N = 430)

		n	%
Qualificações Académicas	6º ano	1	.2
	9º ano	5	1.2
	12º ano	71	16.5

	Licenciatura/Bacharelado	233	54.2
	Mestrado	93	21.6
	Doutoramento	6	1.4
	Curso Profissional	9	2.1
	Pós-Graduação	12	2.8
	Outro	5	1.2
Estatuto	Solteiro	180	41.9
Relacional	Casado	42	9.8
	Divorciado	16	3.7
	Viúvo	3	.7
	União de facto	31	7.2
	Em relacionamento(s)	152	35.3
	Prefiro não revelar	3	.7
	Outro	3	.7
Orientação Sexual	Heterossexual	317	73.7
	Homossexual	20	4.7
	Bissexual	58	13.5
	Pansexual	17	4
	Assexual	2	.5
	Demissexual	4	.9
	Prefiro autodescrever	9	2.1
	Prefiro não revelar	3	.7

Instrumentos

Operacionalização da Variável “Autoidentificação como Kinky”

A variável “autoidentificação como *kinky*” foi operacionalizada com base em duas perguntas incluídas no questionário: 1) “Identifica-se com algum papel dentro do contexto *kinky*/BDSM?” e 2) “Considera que pertence à comunidade *kinky*/BDSM?”. Os participantes que responderam afirmativamente a pelo menos uma destas perguntas foram incluídos no

grupo de participantes que se autoidentificam como *kinky*. Esta definição foi fundamentada na literatura que conceptualiza a identidade *kinky* como multifatorial e relacional (Brown et al., 2020; Crane, 2022; Kalafatis-Russell, 2021), integrando dimensões identitárias internas como a identificação com papéis e externas como o sentimento de pertença comunitária.

Inventário de Fantasias e Atividades Kinky - IFAKBDSM (Secção 1)

Tendo em conta os objectivos do presente estudo, optou-se por utilizar apenas a primeira secção da primeira versão do Inventário de Fantasias e Atividades *Kinky* e BDSM (IFAKBDSM), construído por Vilhena e colegas (2025). Este instrumento tem como objetivo avaliar fantasias e atividades de natureza *kinky* e BDSM em adultos, permitindo uma distinção entre diferentes perfis e práticas. O questionário é composto por duas grandes secções (ver Anexo D). A primeira inclui 28 itens organizados em sete dimensões, representando quatro perfis (Dominante/Sádico; Submisso/Masoquista; Exibicionista/*Voyeurista* e Fetichista). Cada item é avaliado em dois formatos distintos (fantasia e atividade) utilizando uma escala de *Likert* de 5 pontos. No caso das fantasias, as opções vão de “Nunca fantasiei com isto” a “Fantasio com isto regularmente”; para as atividades, de “Nunca fiz isto” a “Faço isto”. Adicionalmente, cada item inclui uma componente de temporalidade, com quatro categorias: “Não se aplica”, “No passado”, “Atualmente” e “No passado e atualmente”.

As subescalas do Inventário de Fantasias e Atividades *Kinky* e BDSM (IFAKBDSM) apresentaram níveis de consistência interna satisfatórios, tanto nas fantasias como nas atividades. No que diz respeito às fantasias, a consistência interna foi excelente nas dimensões Dominação e Sadismo ($\alpha = .92$) e Submissão e Masoquismo ($\alpha = .92$), boa na dimensão *Voyeurismo* e Exibicionismo ($\alpha = .77$) e aceitável na dimensão Fetichismo ($\alpha = .72$). Para as atividades, os valores obtidos foram igualmente elevados: Dominação e Sadismo

($\alpha = .92$), Submissão e Masoquismo ($\alpha = .91$), *Voyeurismo* e Exibicionismo ($\alpha = .84$) e Fetichismo ($\alpha = .71$).

Índice de Sentimento de Comunidade II - Versão Adaptada para o Contexto Kinky

A presente investigação recorreu à versão portuguesa da *Sense of Community Index 2 - SCI-2*, validada por Cunha et al., (2018) no contexto associativo escutista, com o objetivo de avaliar o sentimento psicológico de comunidade. Esta escala é composta por 24 itens organizados em quatro dimensões: Integração e Satisfação das Necessidades, Estatuto de Membro, Influência e Relações Emocionais Partilhadas. As respostas seguem uma escala de Likert de 4 pontos, variando entre “De maneira nenhuma” e “Completamente”. O valor do alfa de Cronbach foi de .90, o que indica uma excelente consistência interna.

Para efeitos do presente estudo, foi realizada uma adaptação linguística e contextual da escala, com o objetivo de adequar o conteúdo dos itens ao contexto específico da comunidade *kink*. Esta adaptação consistiu, principalmente, na substituição das expressões “esta comunidade (CNE)” por “a comunidade *kink*” ou “esta comunidade”, dependendo da formulação original para garantir a manutenção do sentido e da estrutura dos itens. A estrutura fatorial e o formato de resposta da escala foram integralmente preservados. A versão adaptada dos 24 itens encontra-se disponível no Anexo I, Tabela I1 conforme aplicada no presente estudo.

Questionário sobre o Contexto Kinky/BDSM

Com o objetivo de recolher dados mais abrangentes sobre a vivência *kinky*/BDSM dos participantes, foi incluído neste estudo um bloco temático adicional, desenvolvido especificamente para esta investigação. A construção deste instrumento emergiu da necessidade de captar dimensões identitárias, relacionais e comunitárias da experiência *kinky* que não se encontram contempladas nos instrumentos validados disponíveis, o que permite

uma caracterização mais profunda das trajetórias individuais neste contexto (ver Anexo I, Tabela I2).

A primeira secção do questionário recolhe informação geral sobre o envolvimento dos participantes em fantasias e práticas *kink*/BDSM. É pedido que indiquem, numa escala de Likert de 5 pontos (1 = Nunca; 5 = Diariamente), com que frequência têm fantasias *kink* e com que frequência participam em práticas *kink*. Depois, respondem a duas perguntas em formato aberto: a idade em que tiveram a primeira fantasia *kink* e a idade da primeira atividade *kink*. Por fim, assinalam, numa escala Likert de 5 pontos (1 = Nenhuma; 5 = Todas), que parte das suas fantasias *kink* já se concretizaram em práticas reais. Esta secção permite descrever o grau de envolvimento dos participantes com o universo *kink*, desde o surgimento das fantasias até à sua realização.

A segunda secção do questionário recolhe informação sobre a identificação dos participantes com papéis no contexto *kink*/BDSM. É questionado se se identificam com algum papel específico (por exemplo, dominante, submisso ou *switch*) e qual a idade em que começaram a sentir essa identificação. Em seguida, os participantes indicam se mantêm esse papel ao longo do tempo (resposta dicotómica: sim ou não) e quão confortáveis se sentem em experimentar outros papéis, numa escala de Likert de 5 pontos (1 = Nada confortável; 5 = Muito confortável). Esta secção permite perceber se os papéis assumidos são vividos como algo estável ou mais flexível ao longo do tempo.

A terceira secção do questionário diz respeito à participação dos participantes em eventos ou encontros *kink*/BDSM. É questionado com que frequência costumam participar neste tipo de eventos, utilizando uma escala de Likert de 5 pontos (1 = Nunca; 5 = Sempre). São também questionados sobre os tipos de eventos que já frequentaram (por exemplo, festas privadas, workshops, feiras eróticas) e qual o principal motivo que os leva a participar, através de uma pergunta de resposta aberta. Esta secção permite perceber até que ponto os

participantes se envolvem presencialmente com a comunidade e quais os significados que atribuem a essa participação.

A quarta secção do questionário explora o envolvimento dos participantes com a comunidade *kink*/BDSM e o sentimento de pertença associado. É questionado se sentem que pertencem a alguma comunidade *kink* (resposta dicotómica: sim ou não) e se esse envolvimento contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal, numa escala de *Likert* de 5 pontos (1 = Não contribuiu nada; 5 = Contribuiu muito). Os participantes indicam também em que áreas sentiram esse impacto, podendo seleccionar opções como autoconhecimento, confiança, definição de limites, entre outras. Por fim, é questionado se consideram que as suas práticas *kink* evoluíram devido à interação com a comunidade (resposta dicotómica: sim ou não). Esta secção permite compreender o papel da pertença comunitária na vivência e transformação das práticas *kink* ao longo do tempo.

Questionário Sociodemográfico

Foi incluído um questionário sociodemográfico desenvolvido especificamente para este estudo, contendo variáveis como idade, género, orientação sexual, estado civil, estatuto relacional, formato relacional, tempo de relação (quando aplicável), nível de escolaridade e zona de residência (ver Anexo G).

Procedimentos

Após a construção do protocolo de investigação, foi realizado um pré-teste com um grupo de 12 participantes, que responderam individualmente ao questionário. Este procedimento teve como objetivo identificar eventuais incongruências, erros de formulação ou itens pouco claros. Com base nos contributos desses participantes, foram realizadas pequenas reformulações no protocolo, no sentido de o tornar mais claro e acessível.

A recolha de dados decorreu *online*, através da plataforma *Qualtrics*. Os participantes acediam ao questionário por meio de um link de divulgação e, após a leitura do consentimento informado, iniciavam o preenchimento de forma autónoma, em dispositivos com acesso à internet. A participação foi voluntária, anónima, não remunerada, e o tempo médio de resposta foi de aproximadamente 15 minutos. A divulgação do questionário foi feita através de diversas plataformas, incluindo redes sociais (Instagram, WhatsApp, Facebook,), fóruns especializados (como Sub-Reddits e FetLife) e e-mail. Paralelamente, foram distribuídos panfletos físicos com o QR Code de acesso ao questionário em espaços públicos.

O consentimento informado foi apresentado no início do protocolo, explicando os objetivos do estudo, os critérios de inclusão (ser maior de 18 anos e ter nacionalidade portuguesa), a natureza voluntária da participação, a confidencialidade dos dados e a ausência de qualquer tipo de compensação.

Procedimentos de Análise

Todas as análises estatísticas foram conduzidas no software IBM SPSS *Statistics*, versão 30. Numa fase inicial, procedeu-se à limpeza da base de dados, garantindo a conformidade dos valores registados, a coerência das codificações e a exclusão dos casos que não cumpriam os critérios de inclusão estabelecidos.

Posteriormente, realizaram-se análises descritivas com o objetivo de caracterizar a amostra quanto às variáveis sociodemográficas (idade, género, orientação sexual, nível de escolaridade, distrito de residência e formato relacional) e às principais dimensões avaliadas através dos instrumentos utilizados: o *Inventário de Fantasias e Atividades Kinky e BDSM* (IFAKBDSM) e o *Questionário de Sentimento de Pertença à Comunidade* adaptado ao contexto *kinky/BDSM*. Variáveis compostas foram construídas a partir da soma ou média de itens conceptualmente relacionados, como o número total de fantasias e o número total de

atividades *kinky*, a proporção de fantasias concretizadas e o índice global de pertença à comunidade *kinky/BDSM*. Adicionalmente, foram criadas variáveis binárias (ex.: identificação com papel *kinky*; pertença comunitária; conforto com novos papéis; participação em eventos *kinky*), de modo a permitir análises comparativas entre grupos.

Antes das análises inferenciais, avaliou-se a normalidade com o teste de *Shapiro-Wilk*, observando-se violações sistemáticas em todas as variáveis contínuas/ordinais ($p < .001$) (ver Anexo I, Tabela I3). Em consequência, adotaram-se testes não paramétricos. As associações entre variáveis ordinais/contínuas foram avaliadas com *Spearman* (ρ) nas H1 - H2, na H11 e na H19. As associações entre variáveis categóricas (2 x 2) foram testadas com qui-quadrado de independência (χ^2) nas H3 e H7. As comparações entre dois grupos foram realizadas com Mann-Whitney U nas H4 - H6, H8 - H10, no contraste da H11, e nas H12 - H18.

Resultados

Vivências da Sexualidade Kinky/BDSM

Os dados descritivos relativos às fantasias e atividades *kinky/BDSM* encontram-se sintetizados na Tabela 2. Do total de participantes ($N = 430$), a maioria reportou já ter experienciado fantasias deste tipo ($n = 394$; 91.6%) e, em menor proporção, envolvimento em atividades correspondentes ($n = 376$; 87.4%). Em média, as fantasias apresentaram maior frequência ($M = 2.37$) do que as atividades ($M = 1.89$). Embora 26% dos participantes tenham concretizado algumas das suas fantasias e apenas 2.1% as tenham concretizado todas, os resultados indicam que uma parte significativa das fantasias *kinky* permanece não realizada.

As dimensões mais frequentes foram o fetichismo (93.7%), a submissão (81.7%), a dominação (78.9%) e o masoquismo (75.9%), que se destacam também pelas taxas de

atividade mais elevadas (93.9%, 64.4%, 63.0% e 64.4% respectivamente). Na dimensão do fetichismo, observa-se uma correspondência quase direta entre fantasia e atividade, enquanto nas dimensões da submissão e do masoquismo se verifica uma discrepância mais acentuada.

Tabela 2

Análise descritiva dos participantes com fantasias e atividades kinky/BDSM

	N	%	M	Mdn	DP
Fantasias	394	91.6	11.1	10	6.69
Submissão	322	81.7	7.96	7	3.33
Dominação	311	78.9	10.32	9	4.5
Sadismo	215	54.6	6.65	5	3.84
Masoquismo	299	75.9	9.6	8	4.54
Voyeurismo	107	27.2	2.62	2	1.24
Exibicionismo	121	30.7	2.77	2	1.47
Fetichismo	369	93.7	10.33	10	3.71
Atividades	376	87.4	8.03	7	5.66
Submissão	242	64.4	4.39	3	3.38
Dominação	237	63	6.21	4.5	4.23
Sadismo	167	44.4	5.45	4	3.63
Masoquismo	242	64.4	5.69	4	4.65
Voyeurismo	51	13.6	1.41	1	1.16
Exibicionismo	70	18.6	2.39	2	1.04
Fetichismo	353	93.9	7.71	7	3.86

Nota. N e % de cada categoria são calculados dentro do bloco (fantasias ou atividades), não no total da amostra.

Os dados relativos à identidade *kinky* indicam que 46.5% dos participantes se identificaram com um ou mais papéis, enquanto 53.3% afirmaram não adotar nenhum. Entre os participantes que descreveram o papel assumido ($N = 62$), verificou-se que a maioria das

mulheres mencionou papéis de submissão e a maioria dos homens, de dominação (ver Tabela 3).

Tabela 3

Distribuição dos papéis kinky em função do gênero (N = 62)

Papel <i>kinky</i>	Feminino (%)	Masculino (%)	Não Binário (%)
Submisso(a)	69	22	0
Dominante	16.7	52	50
Masoquista	28.6	6	50
Fetichista	14.3	10	0
Sádico(a)	4.8	12	0
<i>Voyeur</i>	2.4	8	0
<i>Switch</i>	9.5	4	0

Nota. Percentagens calculadas por gênero. Podem ultrapassar 100% dado que um mesmo participante podia identificar-se com múltiplos papéis (*ex.*: “Voyeur dominante”, “sadomasoquista”). Incluídos apenas os participantes que indicaram e exemplificaram um papel *kinky* (N = 62; 42 femininos, 18 masculinos, 2 não binários).

A consistência dos papéis *kinky* e o sentimento de pertença comunitária encontram-se detalhados no Anexo K (Tabelas 3 e 4) e no Anexo I (Tabela 1 e 2). A consistência destes papéis foi reportada por 51.2% dos participantes, enquanto 48.8% indicaram ausência de consistência. O conforto com a adoção de novos papéis apresenta uma média de 2.62 (DP = 1.18). No que respeita ao sentimento de pertença comunitária, apenas uma minoria (10.9%) relatou sentir pertença a uma comunidade *kinky*/BDSM. Ainda assim, a média global de pertença foi de 3.11 (DP = 0.54), com valores mais elevados nas dimensões afetiva e simbólica, nomeadamente na partilha de objetivos e valores (M = 3.66; DP = 0.64) e no bem-estar associado à pertença (M = 3.62; DP = 0.80), e mais baixos no envolvimento relacional e

na participação ativa, como a influência pessoal ($M = 2.40$; $DP = 1.04$) e o reconhecimento mútuo entre membros ($M = 2.60$; $DP = 1.01$).

Entre os participantes que reportaram sentir pertença, o impacto percebido sobre o desenvolvimento pessoal foi positivo ($M = 3.53$; $DP = 1.12$) e destacam-se ganhos em autoconhecimento, confiança e definição de limites (ver Anexo K, Tabela K1). Ainda assim, observou-se baixo envolvimento formal na comunidade, com percentagens reduzidas de participação em formações (4.9%), eventos públicos (5.3%), eventos privados (6.3%) e fóruns *online* (9.3%).

Por fim, verificou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre a frequência de fantasias *kinky* e a frequência de atividades *kinky*, confirmando-se a primeira hipótese (H1) (ver Tabela 9).

Características Pessoais e Vivências *Kink*

Focando as diferenças de género nas fantasias e atividades *kinky* (Tabela 4), confirma-se a hipótese H2, segundo a qual as distribuições destas variáveis diferem em função do género. De forma geral, os homens reportaram níveis mais elevados de dominação, sadismo, voyeurismo, exibicionismo (nas atividades) e fetichismo, enquanto as mulheres apresentaram valores superiores de submissão e masoquismo, sobretudo nas fantasias. Não se observaram diferenças significativas em exibicionismo nas fantasias nem em submissão nas atividades.

Tabela 4

Diferenças entre grupos (fantasia e atividade) consoante o género (feminino, masculino)

Média dos Ranks		U de Mann-Whitney	
Feminino	Masculino	<i>U</i>	<i>P</i>

Fantasia				
Submissão	217.03	179.76	14950.5	,003
Dominação	173.68	270.72	9606.5	< ,001
Sadismo	167.68	283.19	7960.5	< ,001
Masoquismo	223.93	165.27	13037.5	< ,001
Voyeurismo	191.84	232.62	14636	< ,001
Exibicionismo	198.99	217.62	16616.5	.056
Fetichismo	167.75	283.17	7963.5	< ,001
Atividade				
Submissão	211.72	190.89	16419.5	.088
Dominação	173.29	271.55	9497.5	< ,001
Sadismo	165.93	286.98	7460.5	< ,001
Masoquismo	217.69	178.37	14767	.001
Voyeurismo	195.27	225.42	15586	< ,001
Exibicionismo	198.41	218.84	16455.5	.008
Fetichismo	169.92	278.61	8566	< ,001

Relativamente às diferenças de género na frequência e concretização das fantasias e atividades *kinky* (Tabela 5), confirma-se a hipótese H3, segundo a qual os homens apresentam maior frequência de fantasias em comparação com as mulheres. Confirma-se igualmente a hipótese H4, que previa diferenças de género na frequência das atividades, verificando-se valores superiores no grupo masculino. Por fim, a hipótese H5 não se confirma, uma vez que não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres quanto à concretização das fantasias *kinky*.

Tabela 5

Comparação entre participantes do gênero feminino e masculino nas dimensões de fantasias e atividades kinky (H3–H5)

	Média dos Ranks		U de Mann-Whitney	
	Feminino	Masculino	U	P
Frequência de Fantasias	191.49	233.35	14539.5	< .001
Frequência de atividades	191.93	232.43	14661.5	< .001
Fantasias concretizadas	124.88	138.84	6950.5	.129

Focando a adoção de papéis *kinky* em função da orientação sexual (Tabela 6), confirma-se a hipótese H6, segundo a qual os indivíduos com identidades não heterossexuais apresentam maior adoção de papéis *kinky* em comparação com os participantes heterossexuais.

Tabela 6

Associação entre orientação sexual e adoção de papéis kinky (H6)

	Com papéis <i>kinky</i> (%)	Sem papéis <i>kinky</i> (%)	Total	Qui- quadrado	p
Heterossexuais	122 (38.6%)	194 (61.4%)	316 (100%)		
Não heterossexuais	69 (68.3%)	32 (31.7 %)	101 (100%)		
Total	191 (45.8%)	226 (54.2%)	417 (100%)	27.21	<.001

No que diz respeito à frequência e concretização das fantasias e atividades *kinky* em função da orientação sexual (Tabela 7), confirma-se a hipótese H7, segundo a qual os indivíduos com identidades não heterossexuais reportam maior frequência de fantasias *kinky*. Confirma-se igualmente a hipótese H8, que previa maior frequência de atividades *kinky* entre participantes não heterossexuais. Por fim, confirma-se também a hipótese H9, relativa à maior concretização de fantasias *kinky* neste grupo.

Tabela 7

Comparação entre indivíduos heterossexuais e não heterossexuais nas dimensões de fantasias e atividades kinky (H7–H9)

	Média dos Ranks		U de Mann-Whitney	
	Heterossexuais	Não heterossexuais	U	P
Frequência de Fantasias	185.92	283.51	8533.5	< .001
Frequência de atividades	187.6	278.24	9066	< .001
Fantasias concretizadas	122.03	158.35	5733.5	< .001

Em relação ao envolvimento em práticas *kinky* em função da escolaridade e da zona de residência, informa-se parcialmente a hipótese H10, segundo a qual maior escolaridade e residência urbana se associariam a maior envolvimento em práticas *kinky*. Embora não se tenha verificado correlação significativa entre escolaridade e número de práticas ($r_s = -.04$, $p = .423$), observaram-se diferenças significativas quanto à residência, com os participantes de

zonas urbanas a reportarem maior número de práticas do que os de zonas rurais ($U = 6427.00$, $p = .002$).

Autoidentificação como *Kinky* e Sentimento de Pertença Comunitária

Considerando a autoidentificação como *kinky* (Tabela 8), confirmam-se as hipóteses H11, H12, H13 e H14, segundo as quais esta se associa a maior frequência de fantasias, maior frequência de atividades, maior concretização de fantasias e maior número de práticas *kinky*. Por outro lado, a hipótese H15 não se confirma, uma vez que se observou maior consistência temporal dos papéis entre os indivíduos que não se autoidentificam como *kinky*. Relativamente à idade de início das experiências, informa-se parcialmente a hipótese H16: os indivíduos que se autoidentificam como *kinky* apresentaram idade de primeira fantasia significativamente mais baixa, não se verificando, contudo, diferenças na idade da primeira atividade. Por fim, a hipótese H17 não se confirma, tendo-se observado, inversamente, um intervalo maior entre fantasia e atividade entre os participantes que se autoidentificam como *kinky*.

Tabela 8

Diferenças entre grupos na frequência e consistência das práticas kinky em função da autoidentificação como kinky (H11–H17)

	Média dos Ranks		U de Mann-Whitney	
	Autoidentificam-se como <i>kinky</i>	Não se autoidentificam como <i>kinky</i>	U	P
Frequência de fantasias	293.53	146.42	7194.5	< .001

Frequência de atividades	283.08	155.54	9283.5	< .001
Fantasia concretizadas	152.5	109.09	5704	< .001
Número de práticas kinky	301.19	139.72	5662	< .001
Consistência dos papéis kinky assumidos	167.34	252.62	13368.5	< .001
Idade 1ª fantasia	128.65	154.55	6595.5	.011
Idade 1ª atividade	115.23	110.94	5066	.654
Intervalo fantasia-atividade	119.26	87.13	3398	< .001

No que respeita ao sentimento de pertença comunitária (Tabela 9), confirma-se parcialmente a hipótese H18, uma vez que se observaram padrões diferenciados de associação entre as dimensões analisadas. O maior sentimento de pertença correlacionou-se positivamente com o número de práticas, a frequência de atividades e de fantasias, bem como com a concretização destas. Já a consistência dos papéis apresentou uma correlação fraca e positiva, sugerindo ligeiramente maior estabilidade entre os participantes com menor sentimento de pertença.

Tabela 9

Correlações entre práticas e papéis kinky em função da pertença comunitária (H1e H18)

	Sent Pertença	N. Práticas	F. Ativ	F. Fant	Fant Concret	Cons Papéis
Sent Pertença						
N. Práticas	-.436**					
F. Ativ	-.440**	.726**				

F. Fant	-.454**	.779**	.780**		
Fant Concret	-.307**	.517**	.656**	.411**	
Cons Papéis	.178**	-.337**	-.325**	-.328**	-.204**

Nota. Encontram-se destacados os valores das correlações consideradas significativas.

F = Frequência; Fant = Fantasias; Ativ = Atividades; Fant Concret = Total de fantasias concretizadas; Cons Papéis = Consistência de papéis

Discussão

O presente estudo procurou caracterizar de forma abrangente as expressões do comportamento e da identidade *kinky*, numa amostra de adultos portugueses. A partir deste enquadramento geral, analisaram-se as diferenças nas fantasias, atividades e papéis *kinky* em função da autoidentificação como *kinky* e do sentimento de pertença comunitária, bem como o impacto de variáveis sociodemográficas relevantes.

Os resultados do presente estudo revelam uma elevada prevalência de fantasias e atividades *kinky*, o que confirma que estas experiências fazem parte da diversidade sexual contemporânea. Ainda assim, observa-se uma discrepância entre fantasias e atividades, o que sugere que nem todas as fantasias são realizadas, tal como descrito em investigações anteriores (Dawson et al., 2014; Joyal & Carpentier, 2016). Holvoet e colegas (2017), por exemplo, mostraram que 22% da população belga relatou fantasias sem as concretizar, o que reforça a ideia de que nem sempre o que se imagina encontra espaço para se tornar experiência, devido a constrangimentos sociais, relacionais ou contextuais. Esta discrepância reforça a ideia de que o *kink* se expressa num contínuo entre imaginação e ação, em que a fantasia desempenha uma função exploratória e simbólica, sem implicar obrigatoriamente uma dimensão comportamental.

A análise das dimensões *kinky* mais prevalentes confirma o destaque da submissão e da dominação, amplamente presentes na população geral. Estes resultados são consistentes

com os obtidos na validação portuguesa do IFAKBDSM, onde as fantasias de submissão e dominação apresentaram prevalências de 84.7% e 76.5%, respetivamente, e o fetichismo se destacou como uma das dimensões mais comuns (87.4%) (Vilhena et al., 2025), em contraste com os valores mais reduzidos observados por Joyal e Carpentier (2016), onde apenas 15.1% dos participantes referiram fantasias deste tipo. Estes dados reforçam que tais práticas são amplamente distribuídas na população e não devem ser interpretadas como indicadores de patologia (Joyal et al., 2015).

Tal como noutros estudos (Botta et al., 2019; Dawson et al., 2014; Jozifkova, 2018), os resultados relativos ao género demonstraram que indivíduos do género feminino reportaram com maior frequência fantasias e atividades associadas à submissão e ao masoquismo, enquanto indivíduos do género masculino apresentaram níveis mais elevados de dominação, *voyeurismo* e fetichismo. Ainda assim, a presença de participantes *switches* sugere uma crescente flexibilidade nos papéis de género, em linha com a perspetiva de que o BDSM pode constituir um espaço de expressão sexual menos condicionado por normas de género (Marujo et al., 2023; Sprott & Hadcock, 2017).

De modo consistente com a literatura (Richters et al., 2008; Schuerwegen et al., 2020; Sprott & Hadcock, 2017), os resultados revelaram uma maior diversidade de orientações sexuais entre os participantes, sendo que identidades não heterossexuais apresentaram níveis mais elevados de envolvimento em fantasias e atividades *kinky*. Este padrão sugere que a pertença à comunidade LGBTQIA+ se associa a uma maior abertura à experimentação sexual e à desconstrução de normas de género e sexualidade, reforçando a ideia do *kink* enquanto espaço de autoexploração e expressão identitária.

A diferença observada entre participantes de zonas urbanas e rurais vai ao encontro de outros estudos (Ten Brink et al., 2020; Sheff & Hammers, 2011; Bauer, 2020; Simula et al.,

2023), que associam o contexto urbano a uma maior acessibilidade a eventos e redes comunitárias, o que favorece a expressão das práticas e identidades *kinky*. Em contraste, em contextos rurais, o estigma social e a ausência de espaços afirmativos tendem a restringir a exploração sexual e a dificultar o contacto com comunidades de pertença, o que pode limitar a concretização das fantasias e a vivência aberta do *kink*.

Os resultados sugerem que a identidade *kinky* tende a emergir mais cedo, ainda na adolescência, sobretudo no plano das fantasias. Este padrão acompanha os resultados de Harrison e Murphy (2021), que marcam o aparecimento de interesses fetichistas por volta dos 15 anos, e de Walker e Kuperberg (2022), que também identificaram fantasias precoces e atividades apenas mais tarde, já na vida adulta. No presente estudo, a autoidentificação como *kinky* associou-se a um surgimento mais precoce das fantasias, mas não das atividades, uma vez que não se observaram diferenças na idade da primeira atividade. Assim, ser *kinky* parece corresponder a um reconhecimento mais precoce das fantasias, sem que isso implique um início igualmente antecipado das atividades.

O intervalo mais longo entre fantasias e atividades observado nos participantes que se autoidentificam como *kinky* pode corresponder a uma fase de ponderação e de procura de condições seguras para a passagem à atividade. Pascoal et al. (2015) já haviam observado o mesmo padrão, interpretado como indicador de que a concretização depende de condições relacionais e comunitárias específicas. Do mesmo modo, Kalafatis-Russell (2021) refere que ser *kinky* implica um processo de integração identitária que nem sempre coincide com a experiência imediata. Em contraste, participantes que não se autoidentificam como *kinky* apresentaram intervalos mais curtos, o que pode indicar uma vivência mais exploratória e menos enquadrada numa identidade definida. Esta tendência está em linha com a distinção proposta por Niebudek e Iniewicz (2023) entre papéis assumidos situacionalmente (*role-*

taking) e identificações mais estáveis (*role-identification*), sugerindo que o envolvimento sem uma dimensão identitária poderá conduzir a atividades mais imediatas.

Relativamente à pertença comunitária, os resultados evidenciam a importância das redes de suporte e dos contextos sociais na vivência das práticas *kinky*, o que é consistente com o que tem sido observado em diversos estudos, que identificam as comunidades BDSM como espaços de aceitação, suporte e educação, promotoras da construção identitária e de práticas mais frequentes e seguras (Graham et al., 2016; Simula, 2019; Simula et al., 2023). Os resultados do presente estudo alinham-se com esta literatura, ao indicar que o sentimento de pertença está associado a maior exploração e concretização das fantasias e funciona ainda como fator de resiliência face ao estigma (Pohtinen, 2016; Hughes & Hammack, 2019). Por outro lado, a associação ligeiramente mais forte entre menor pertença e maior consistência dos papéis pode sugerir que, fora da comunidade, os indivíduos tendem a adotar papéis mais rígidos como estratégia de estabilidade identitária. A literatura aponta que a fluidez dos papéis é mais comum em contextos comunitários, onde o suporte e a validação favorecem a experiência e reduzem a rigidez das classificações (Martinez, 2017; Niebudek & Iniewicz, 2023). Neste estudo, essa discrepância pode refletir que a vivência *kink* se desenvolve maioritariamente em contextos privados ou informais, com reduzida participação em espaços educativos ou comunitários, o que limita as oportunidades de experiência e de aprendizagem.

Em síntese, os resultados deste estudo evidenciam que as práticas *kinky* são uma forma de expressão legítima da diversidade sexual, marcada por elevada prevalência e diversidade de papéis. Observou-se uma discrepância consistente entre fantasia e atividade, mais acentuada entre indivíduos do género feminino, bem como uma associação entre sentimento de pertença comunitária e maior concretização das fantasias. A autoidentificação como *kinky* revelou-se ligada a um surgimento mais precoce das fantasias, mas não das atividades. A influência de fatores contextuais, como a residência urbana, reforça a

importância das condições sociais e culturais. Assim, os dados apontam para uma vivência *kinky* complexa e multifacetada, composta por dimensões identitárias, relacionais e comunitárias, que desafiam interpretações simplistas e reforçam uma perspectiva despatologizante da sexualidade.

Implicações para a Prática Clínica

A investigação sobre vivências da sexualidade *kinky* sublinha a importância de uma abordagem clínica despatologizante e culturalmente informada. Apesar dos avanços introduzidos pelo *DSM-5* ao distinguir práticas consensuais de distúrbios parafilicos, o estigma permanece presente (APA, 2013). Num estudo controlado, 54.6% dos indivíduos praticantes relataram experiências de discriminação em contextos médicos e 62.4% adiaram a procura de apoio psicológico por receio de julgamento (Cesur & Sancak, 2024). Do lado da população geral, Schuerwegen et al. (2020) verificaram que 86% dos inquiridos partilhavam pelo menos uma crença estigmatizante sobre BDSM e associavam-no a imoralidade, abuso ou disfunção sexual. Estes resultados ilustram os mecanismos de *stress* de minoria (Meyer, 2003), nos quais a estigmatização social e a internalização de narrativas patologizantes contribuem para o sofrimento psicológico.

Para os profissionais, é fundamental reconhecer que a elevada prevalência de fantasias e atividades *kinky* na população geral (Holvoet et al., 2017; Joyal et al., 2015) não corresponde necessariamente à autoidentificação como *kinky*. Muitos indivíduos exploram sem se nomearem dessa forma, enquanto outros encontram na autoidentificação uma dimensão central do *self* e de pertença. Distinguir entre comportamento e identidade é essencial para uma leitura clínica informada e para evitar interpretações erradas. É essencial adotar uma postura *kink-affirmative*, sustentada pela compreensão da identidade, dos papéis e dos princípios éticos que estruturam estas vivências, como *Safe, Sane and Consensual* e *Risk*

Aware Consensual Kink (LeBlanc, 2020; Williams, 2006; Yates & Neuer-Colburn, 2019).

Este enquadramento possibilita uma prática clínica informada, capaz de validar tanto quem “faz” sem “ser” como quem integra o *kink* na construção da própria identidade.

Limitações e Indicações para Estudos Futuros

Este estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, a amostra foi recolhida por conveniência e não é representativa da população, o que limita a generalização dos resultados. Por acréscimo, indivíduos com níveis mais elevados de abertura sexual podem estar mais propensos a participar em inquéritos sobre sexualidade, o que potenciará enviesamentos de seleção. Além disso, os dados foram obtidos através de instrumentos de autorrelato, o que pode igualmente ter favorecido enviesamentos de resposta, como ocultação ou exagero motivados pelo estigma associado ao *kink*. O protocolo extenso pode ter contribuído para itens em falta, sobretudo no IFAKBDSM.

Outra limitação pode ser o desequilíbrio da amostra em termos de género e orientação sexual, uma vez que a maioria dos participantes era do género feminino e heterossexual, o que pode ter reduzido a diversidade. Importa ainda referir que a identidade *kinky* foi definida apenas através da autoidentificação e do sentimento de pertença comunitária, não incluindo o *continuum* entre prática e identidade descrito na literatura (Crane, 2022; Kalafatis-Russell, 2021). Esta opção deveu-se à ausência de instrumentos validados para medir esse *continuum*, que até agora tem sido explorado sobretudo em estudos qualitativos.

Investigações futuras poderão analisar as trajetórias de identidade *kinky* ao longo da vida, ao explorar como estas experiências se transformam em diferentes fases do desenvolvimento, como a idade avançada, uma população quase ausente na literatura. Outra via de interesse seria compreender o impacto da tecnologia, como a realidade virtual e inteligência artificial na vivência das fantasias e na construção identitária. Estudos futuros

poderão também investigar as funções psicológicas das práticas, ao analisar o modo como experiências como dor ou controle podem servir como recursos de regulação emocional e/ou redefinição de papéis relacionais. Finalmente, poderia ser vantajoso desenvolver programas de formação dirigidos a profissionais de saúde mental, de modo a promover práticas clínicas *kink-affirmative*, para reduzir o estigma e aumentar a eficácia terapêutica.

Conclusão

O presente estudo demonstrou que a autoidentificação como *kinky* é um marcador para distinguir a experiência identitária do simples envolvimento em atividades ou fantasias. Os resultados mostram que a identidade acrescenta consistência e pertença e funciona como um organizador das vivências sexuais e relacionais. Em simultâneo, a discrepância entre fantasias e atividades confirma que a sexualidade não se limita ao comportamento observável e está repleta de significados subjetivos e dinâmicas contextuais que moldam a sua expressão.

Este trabalho contribui para desmistificar a sexualidade *kinky* e a sua complexidade, ao evidenciar que ser ou não ser *kinky* não se define apenas pelo que se pratica, mas pela forma como cada pessoa integra essas experiências na sua identidade e no sentido que lhes atribui. Ao dar visibilidade a estas vivências, esta tese procura abrir um caminho a práticas clínicas mais inclusivas, que compreendam a sexualidade não como desvio, mas como uma expressão legítima. Esta investigação reafirma que estudar a identidade *kinky* é estudar a complexidade da sexualidade humana, um território dominado pelo imaginário e pela exploração, mas também por pertença e autenticidade.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., pp. 685–705). American Psychiatric Publishing. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- Bauer, R. (2008). Transgressive and transformative gendered sexual practices and white privilege: The case of the dyke/trans/BDSM communities. *Women's Studies Quarterly*, 36(3–4), 233–253.
- Bauer, R. (2020). BDSM. In A. McClelland & M. L. Wilkinson (Eds.), *Global sexualities: An introduction* (pp. 235–248). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781351180435>
- Bezreh, T., Weinberg, T. S., & Edgar, T. (2012). BDSM disclosure and stigma management: Identifying opportunities for sex education. *American Journal of Sexuality Education*, 7(1), 37–61. <https://doi.org/10.1080/15546128.2012.650984>
- Botta, D., Nimbi, F. M., Tripodi, F., Silvaggi, M., & Simonelli, C. (2019). Are role and gender related to sexual function and satisfaction in men and women practicing BDSM? *The Journal of Sexual Medicine*, 16(4), 463–473. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2019.01.001>
- Brown, A., Barker, E. D., & Rahman, Q. (2020). A systematic scoping review of the prevalence, etiological, psychological, and interpersonal factors associated with BDSM. *The Journal of Sex Research*, 57(6), 781–811. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1665619>
- Cesur, E., & Sancak, B. (2024). Evaluation of sexual behavior and sexual functions of BDSM practitioners: A controlled study. *Archives of Neuropsychiatry*, 61(2), 148–153. <https://doi.org/10.29399/npa.2024.22117>

- Connolly, P. H. (2006). Psychological functioning of Bondage/Domination/Sado-Masochism (BDSM) practitioners. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18(1), 79–120. https://doi.org/10.1300/J056v18n01_05
- Crane, D. (2022). Exploring the kink identity: Community, stigma, and self-concept among BDSM practitioners (Doctoral dissertation). California Institute of Integral Studies.
- Cunha, O. O., Ornelas, J., & Vargas Moniz, M. J. (2018). Sentimento psicológico de comunidade: Estudo da escala SCI-2 num contexto associativo. *Análise Psicológica*, 36(4), 515–526. <https://doi.org/10.14417/ap.1362>
- Dawson, S. J., Bannerman, B. A., & Lalumière, M. L. (2014). Paraphilic interests: An examination of sex differences in a nonclinical sample. *Archives of Sexual Behavior*, 45(2), 113–123. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0363-8>
- De Neef, N., Coppens, V., Huys, W., & Morrens, M. (2019). Bondage-Discipline, Dominance-Submission and Sadomasochism (BDSM) from an integrative biopsychosocial perspective: A systematic review. *Sexual Medicine*, 7(2), 129–144. <https://doi.org/10.1016/j.esxm.2019.02.002>
- Graham, B. C., Butler, S. E., McGraw, R., Cannes, S. M., & Smith, J. (2016). Member perspectives on the role of BDSM communities. *The Journal of Sex Research*, 53(8), 895–909. <https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1067758>
- Harrison, M. A., & Murphy, B. E. (2021). Sexual fetishes: Sensations, perceptions, and correlates. *Psychology & Sexuality*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/19419899.2021.1915368>
- Holvoet, L., Huys, W., Coppens, V., Seeuws, J., Goethals, K., & Morrens, M. (2017). Fifty Shades of Belgian Gray: The prevalence of BDSM-related fantasies and activities in the general population. *The Journal of Sexual Medicine*, 14(9), 1152–1159. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2017.07.003>

- Hughes, S. D., & Hammack, P. L. (2019). Affirmation, compartmentalization, and isolation: Narratives of identity sentiment among kinky people. *Psychology & Sexuality*. <https://doi.org/10.1080/19419899.2019.1575896>
- Joyal, C. C., & Carpentier, J. (2016). The prevalence of paraphilic interests and behaviors in the general population: A provincial survey. *The Journal of Sex Research*, 54(2), 161–171. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1139034>
- Joyal, C. C., Cossette, A., & Lapierre, V. (2015). What exactly is an unusual sexual fantasy? *The Journal of Sexual Medicine*, 12(2), 328–340. <https://doi.org/10.1111/jsm.12734>
- Jozifkova, E. (2018). Sexual arousal by dominance and submissiveness in the general population: How many, how strongly, and why? *Deviant Behavior*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/01639625.2017.1410607>
- Kalafatis-Russell, A. R. (2021). *Doing kink vs. being kinky: A systematic scoping review of the literature on BDSM behavior, orientation, and identity* (Master's thesis, University of North Florida). UNF Graduate Theses and Dissertations, 1108. <https://digitalcommons.unf.edu/etd/1108>
- Kolmes, K., Stock, W., & Moser, C. (2006). Investigating bias in psychotherapy with BDSM clients. *Journal of Homosexuality*, 50(2–3), 301–324. https://doi.org/10.1300/J082v50n02_15
- Larva, M. A., & Rantala, M. J. (2024). An evolutionary psychological approach toward BDSM interest and behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 53(7), 2253–2267. <https://doi.org/10.1007/s10508-024-02881-x>
- Martinez, K. (2017). BDSM role fluidity: A mixed-methods approach to investigating switches within dominant/submissive binaries. *Journal of Homosexuality*, 65(10), 1–32. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1374062>

- Marujo, C., Cardoso, D., & Oliveira, A. (2023). Sexual fluidity, BDSM and gender: An exploratory study on Portuguese BDSM practitioners. *Sexuality & Culture*, 28, 983–1007. <https://doi.org/10.1007/s12119-023-10159-y>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Niebudek, A., & Iniewicz, G. (2023). Between a role and identification. Understanding BDSM practices from practitioners' perspective. *Psychiatria Polska*, 57(1), 121–146. <https://doi.org/10.12740/PP/144162>
- Pascoal, M. P., Cardoso, D., & Henriques, R. (2015). Sexual satisfaction and distress in sexual functioning in a sample of the BDSM community: A comparison study between BDSM and non-BDSM contexts. *The Journal of Sexual Medicine*, 12(4), 1052–1061. <https://doi.org/10.1111/jsm.12835>
- Pohtinen, J. (2016). Creating a feeling of belonging: Solidarity in Finnish kink communities. *SQS – Journal of Queer Studies in Finland*, 10(1–2), 21–34. <https://doi.org/10.23980/sqs.63645>
- Pohtinen, J. (2019). From secrecy to pride: Negotiating the kink identity, normativity, and stigma. *Etnologia Fennica*, 46(1), 84–108. <https://doi.org/10.23991/ef.v%vi%i.74306>
- Rehor, J. E. (2015). Sensual, erotic, and sexual behaviors of women from the “kink” community. *Archives of Sexual Behavior*, 44(4), 825–836. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0524-2>
- Richters, J., de Visser, R. O., Rissel, C. E., Grulich, A. E., & Smith, A. M. A. (2008). Demographic and psychosocial features of participants in bondage and discipline, “somasochism” or dominance and submission (BDSM): Data from a national survey.

- The Journal of Sexual Medicine*, 5(7), 1660–1668. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2008.00795.x>
- Richters, J., Grulich, A. E., de Visser, R. O., Smith, A. M. A., & Rissel, C. E. (2003). Sex in Australia: Autoerotic, esoteric and other sexual practices engaged in by a representative sample. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 27(2), 180–190. <https://doi.org/10.1111/j.1467-842X.2003.tb00806.x>
- Schuerwegen, A., Huys, W., Coppens, V., De Neef, N., Henckens, J., Goethals, K., & Morrens, M. (2020). The psychology of kink: A cross-sectional survey study investigating the roles of sensation seeking and coping style in BDSM-related interests. *Archives of Sexual Behavior*, 49(8), 2705–2720. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01776-9>
- Simula, B. L. (2017). “A different economy of bodies and pleasures”?: Differentiating and evaluating sex and sexual BDSM experiences. *Journal of Homosexuality*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1398017>
- Simula, B. L. (2019). Pleasure, power, and pain: A review of the literature on the experiences of BDSM participants. *Sociology Compass*, 13(3), e12668. <https://doi.org/10.1111/soc4.12668>
- Simula, B. L., Bauer, R., & Wignall, L. (Eds.). (2023). *The power of BDSM: Play, communities, and consent in the 21st century*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780197658598.001.0001>
- Sprott, R. A. (2023). The intersection of LGBTQ+ and kink sexualities: A review of the literature with a focus on empowering/positive aspects of kink involvement for LGBTQ+ individuals. *Current Sexual Health Reports*, 15(3), 107–112. <https://doi.org/10.1007/s11930-023-00360-3>

- Sprott, R. A., & Hadcock, B. B. (2017). Bisexuality, pansexuality, queer identity, and kink identity. *Sexual and Relationship Therapy, 32*(3–4), 1–21. <https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1347616>
- Sprott, R. A., Meeker, C., & O'Brien, M. (2019). Kink community education: Experiential learning and communities of practice. *Journal of Positive Sexuality, 5*(2), 48–58.
- Sprott, R. A., Vivid, J., Vilkin, E., Swallow, L., Lev, E. M., Orejudos, J., & Schnittman, D. (2020). A queer boundary: How sex and BDSM interact for people who identify as kinky. *Sexualities, 0*(0), 1–25. <https://doi.org/10.1177/1363460720944594>
- Ten Brink, S., Coppens, V., Huys, W., & Morrens, M. (2020). The psychology of kink: A survey study into the relationships of trauma and attachment style with BDSM interests. *Sexuality Research and Social Policy, 18*(1), 1–12. <https://doi.org/10.1007/s13178-020-00438-w>
- Vilhena, I., Martins, M., Cardoso, D., & Duarte, E. (2025). Construction and validation of a questionnaire on kinky and BDSM fantasies and activities in Portuguese adults. *The Journal of Sex Research*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/00224499.2025.2518527>
- Walker, A. M., & Kuperberg, A. (2022). Pathways and patterns of entrance into BDSM. *Archives of Sexual Behavior, 51*(4), 1045–1062. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02154-x>
- Weinberg, T. S. (2006). Sadomasochism and the social sciences: A review of the sociological and social psychological literature. *Journal of Homosexuality, 50*(2–3), 17–40. https://doi.org/10.1300/J082v50n02_02
- Weiss, M. (2015). BDSM (bondage, discipline, domination, submission, sadomasochism). In P. Whelehan & A. Bolin (Eds.), *The International Encyclopedia of Human Sexuality* (pp. 235–248). Wiley-Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118896877.wbiehs051>

- Westlake, B., & Mahan, I. (2023). An international survey of BDSM practitioner demographics: The evolution of purpose for, participation in, and engagement with, kink activities. *The Journal of Sex Research*. <https://doi.org/10.1080/00224499.2023.2273266>
- Williams, D. J. (2006). Different (Painful!) strokes for different folks: A general overview of sexual sadomasochism (SM) and its diversity. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 13(4), 333–346. <https://doi.org/10.1080/10720160601011240>
- Wright, S. (2018). De-pathologization of consensual BDSM. *The Journal of Sexual Medicine*, 15(5), 622–624. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2018.02.018>
- Yates, S. M., & Neuer-Colburn, A. A. (2019). Counseling the kink community: What clinicians need to know. *Journal of Counseling Sexology & Sexual Wellness: Research, Practice, and Education*, 1(1), 14–22. <https://doi.org/10.34296/01011007>
- Yost, M. R., & Hunter, L. E. (2012). BDSM practitioners' understandings of their initial attraction to BDSM sexuality: Essentialist and constructionist narratives. *Psychology & Sexuality*, 3(3), 244–259. <https://doi.org/10.1080/19419899.2012.700028>

Anexo A. Revisão de Literatura Extensa

Introdução

A crescente visibilidade do *kink* na cultura popular, aliada ao aumento do interesse científico, reforça a necessidade de compreender este fenômeno no quadro mais amplo das transformações socioculturais que reconfiguram os entendimentos sobre sexualidade (Crane, 2022). Longe de se reduzir a um conjunto de práticas marginais, o *kink* tem sido interpretado como forma de resistência cultural, ao criar espaços de expressão que desconstróem normas sexuais e sociais dominantes e deslocam fronteiras entre “normalidade” e “desvio” (Richters et al., 2008; Simula, 2023). Neste sentido, importa evitar visões rígidas e reconhecer as motivações e significados que constituem o *kink*, situando-o no contínuo da diversidade sexual humana (Brown et al., 2020).

Partindo deste enquadramento, é crucial abordar o *kink* nas suas múltiplas dimensões: das definições conceptuais e categorias específicas às práticas e papéis efetivamente assumidos, incluindo as dinâmicas contextuais que lhes dão suporte. Destaca-se a relevância da autoidentificação como *kinky*, enquanto marcador identitário e o impacto do sentimento de pertença à comunidade, frequentemente descrito como fonte de aprendizagem e apoio social, que são essenciais para a exploração e a consistência das práticas e papéis *kinky* (Crane, 2022; Simula, 2023).

Definições

O termo *kink* é conceptualizado como uma categoria que engloba fantasias, comportamentos e identidades sexuais que se afastam das convenções eróticas dominantes, mas que, ao mesmo tempo, se situam no espectro da diversidade sexual humana (Pohtinen, 2019; Weiss, 2015). O *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5.^a ed.; American Psychiatric Association, 2013) introduziu uma distinção conceptual entre *parafilias*

e *distúrbios parafilicos* e reconheceu que fantasias e atividades sexuais atípicas não constituem indicadores de psicopatologia. Esta diferenciação representou uma mudança, ao dissociar o *kink* da psicopatologia e ao situá-lo no espectro da diversidade sexual humana. Apenas quando as práticas causam sofrimento clínico significativo ao próprio ou a terceiros é que adquirem relevância diagnóstica. Este enquadramento sustenta a narrativa despatologizante adotada na literatura contemporânea sobre sexualidades alternativas (Weiss, 2015).

De acordo com a literatura, as práticas *kinky* mais frequentemente descritas incluem o fetichismo, o *voyeurismo* e o BDSM (Dawson et al., 2014; Joyal et al., 2015). Estas práticas distinguem-se por integrarem não apenas comportamentos, mas também dimensões relacionais e simbólicas. No caso específico do BDSM, as interações assentam em dinâmicas consensuais de poder que são previamente negociadas e enquadradas num conjunto de regras explícitas (Connolly, 2006; Weiss, 2015). Assim, contrariamente a estereótipos, o BDSM não se reduz a dor ou violência, mas constitui uma prática erótica e relacional com significado e estrutura (Weinberg, 2006).

O BDSM organiza-se habitualmente em três grandes dimensões: Bondage e Disciplina (BD), Dominação e Submissão (DS) e Sadismo e Masoquismo (SM). Estas categorias englobam desde a restrição física e a aplicação consensual de dor até jogos psicológicos de poder, sendo que o eixo comum é sempre a negociação explícita e a confiança mútua (Brown et al., 2020; Kalafatis-Russell, 2021; Williams, 2006). Neste sentido, os participantes podem assumir diferentes papéis: dominantes, que exercem controlo e determinam os contornos da interação; submissos, que cedem esse controlo voluntariamente; e *switches*, que alternam entre posições de dominação e submissão consoante o contexto e a relação (Brown et al., 2020; Kalafatis-Russell, 2021).

Para além destes papéis, existem também subcategorias identitárias que refletem a diversidade do universo *kinky*. Entre estas destacam-se os sádicos e masoquistas, que exploram a dor como fonte de prazer; os fetichistas, cuja excitação se associa a objetos, materiais ou partes específicas do corpo; e os *voyeurs* e exibicionistas, que encontram prazer em observar ou serem observados em contextos sexuais (Dawson et al., 2014; Joyal et al., 2015; Rehor, 2015).

Nesse sentido, o *kink* deve ser visto como um fenómeno complexo que abrange práticas eróticas, identidades, estilos de vida e formas de pertença social. A sua compreensão exige uma perspetiva não patologizante e integrativa, que considere simultaneamente dimensões individuais, relacionais e comunitárias (Connolly, 2006; Holvoet et al., 2017; Weinberg, 2006).

Fantasia e Atividades

As fantasias *kinky* são descritas na literatura como frequentes e normativas e funcionam como um espaço de experiência erótica e identitária que nem sempre se concretiza no plano comportamental. Estudos mostram ampla distribuição destes conteúdos na população geral e distinguem claramente a maior frequência de fantasias relativamente à de atividades (De Neef et al., 2019; Joyal et al., 2015; Joyal & Carpentier, 2016).

As estimativas de prevalência variam em função das definições consideradas, dos critérios amostrais e dos instrumentos utilizados. No extremo mais conservador, estudos populacionais indicam percentagens reduzidas de prática recente de BDSM - cerca de 2.2% dos homens e 1.3% das mulheres no último ano - (Richters et al. 2008). Por outro lado, revisões sistemáticas apontam valores superiores no domínio das fantasias (40-70%) e estimam que entre 20% e 50% dos indivíduos já experimentaram, em algum momento, pelo menos uma atividade associada (Brown et al., 2020; De Neef et al., 2019; Holvoet et al.,

2017). De forma consistente, estudos evidenciam discrepância entre fantasia e atividade: na amostra belga, por exemplo, 46.8% dos participantes referiram já ter realizado alguma atividade BDSM, enquanto 22% mantinham apenas fantasias não concretizadas (Holvoet et al., 2017). Resultados obtidos em Portugal replicam e acentuam este padrão. No IFAKBDSM, a maioria dos participantes reportou fantasias *kinky* (91.6%) e atividades correspondentes (87.4%), com discrepâncias em algumas dimensões, nomeadamente em na submissão (81.7% vs. 64.4%); e no masoquismo: (75.9% vs. 64.4%) (Vilhena et al., 2025). Este perfil é congruente com evidências internacionais que demonstram a elevada prevalência de conteúdos de submissão e dominação em ambos os sexos na população geral (Joyal et al., 2015), o que reforça a ideia de que a fantasia constitui um domínio normativo e abrangente, cuja transição para a atividade é apenas parcial.

A diferença entre prevalência de fantasias e frequência de atividades *kinky* parece depender de fatores relacionais e contextuais. A literatura indica que o acesso a parceiros compatíveis, a literacia sobre consentimento e segurança e o envolvimento em espaços comunitários estão associados a maior probabilidade de experiência e diversificação de práticas (Graham et al., 2016; Westlake & Mahan, 2023). Em contrapartida, o estigma e as atitudes negativas, tanto externas como internalizadas, podem desencorajar a partilha de interesses, limitar oportunidades de negociação e, consequentemente, restringir a passagem da fantasia à atividade (Stockwell et al., 2010; Wright, 2018).

A cronologia típica destas experiências ajuda a explicar o desfasamento. Em geral, as fantasias surgem antes das atividades. Walker e Kuperberg (2022) situam a mediana de início das fantasias na adolescência (cerca de 15 anos) e a primeira atividade entre o final da adolescência e o início da idade adulta (18–22 anos), com variações em função de género e orientação sexual. Em amostras de praticantes, observam-se idades médias mais tardias para a primeira atividade (24.4 anos) relativamente ao início das fantasias (20.7 anos), o que reflete

trajetórias de exploração gradual e influências de barreiras contextuais (Westlake & Mahan, 2023). No plano populacional, cerca de 61.4% das pessoas reportam interesse por BDSM antes dos 25 anos (Holvoet et al., 2017), o que reforça a ideia de que as fantasias constituem uma etapa inicial de curiosidade e autoexploração que pode, ou não, evoluir para a atividade. Para além da dimensão cronológica, há uma variação significativa nas estimativas em função de fatores culturais e metodológicos. amostras provenientes de comunidades *kinky* ou de inquéritos online tendem a reportar maior frequência e diversidade de atividades do que amostras representativas da população geral. De igual modo, países e subculturas que têm uma rede comunitária mais estruturada e com maior oferta educativa sobre sexualidade e consentimento apresentam níveis mais elevados de envolvimento prático (Holvoet et al., 2017; Richters et al., 2003; Westlake & Mahan, 2023)

Práticas *Kinky*

Para efeitos deste estudo, entende-se por práticas *kinky* o conjunto de atividades e fantasias, que envolvem dinâmicas eróticas não convencionais, reconhecendo-se que as fantasias constituem uma parte significativa da sexualidade individual, mesmo quando não se traduzem em comportamentos observáveis. Esta abordagem permite captar tanto a experiência subjetiva como a expressão comportamental do *kink* (Brown et al., 2020; Joyal et al., 2015).

A forma como estas práticas são percebidas e realizadas é modulada por fatores interseccionais (género, idade, orientação sexual) que influenciam a frequência, o tipo de atividades e a autoidentificação com papéis (ex., dominante, submisso, *switch*) (Holvoet et al., 2017; Rehor, 2015). Do ponto de vista desenvolvimental, a evidência indica que os iniciantes tendem a explorar com menor frequência e complexidade, enquanto que praticantes mais experientes integram gradualmente as práticas no quotidiano, num percurso que vai da

curiosidade e da fantasia à diversificação e estabilização dos papéis (Walker & Kuperberg, 2022; Westlake & Mahan, 2023).

Além dos fatores individuais, o contexto sociocultural desempenha um papel determinante. Sociedades com maior abertura à educação sexual apresentam níveis superiores de literacia e regularidade na prática, enquanto ambientes mais conservadores tendem a restringir a vivência *kinky* a espaços privados e episódicos (Eastman-Mueller et al., 2021; Holvoet et al., 2017; Pascoal et al., 2015).

No plano ético-procedimental, as práticas *kinky* assentam em negociação explícita e consentimento informado, distinguindo-se claramente qualquer forma de abuso. A chamada gramática moral do *kink* - expressa nos princípios SSC (*Safe, Sane and Consensual*) e RACK (*Risk-Aware Consensual Kink*) - estrutura as interações, os limites acordados, as *safe words* e o *aftercare* (Connolly, 2006; Weinberg, 2006; Williams, 2006).

Em termos identitários e relacionais, o *kink* funciona como espaço de autoexploração e de construção de significado, podendo integrar-se nos estilos de vida e ser reforçado por redes comunitárias que promovem pertença e aprendizagem (Bauer, 2020; Simula, 2019). Importa salientar que o envolvimento *kinky* não se limita à procura de prazer físico: muitos praticantes referem intimidade, autoexpressão e crescimento pessoal como motivações centrais. Além disso, a flexibilidade de papéis (*switching*) associa-se a maior abertura e satisfação sexual, o que a fluidez que caracteriza o universo *kink* (Botta et al., 2019).

Papéis *kinky*

Neste estudo, o termo “papéis *kinky*” refere-se às posições subjetivas que podem manifestar-se ao nível da fantasia, da autoexploração ou da interação com outros indivíduos. A existência destes papéis não pressupõe necessariamente uma dinâmica relacional negociada.

Do ponto de vista conceptual, vários autores distinguem entre “papel” (manifestação momentânea e situada) e “identificação” (mais estável e integrada no self). Esta distinção permite compreender os papéis *kinky* como fenómenos dinâmicos, situados num *continuum* entre estado e identidade, que variam conforme o contexto, o parceiro, a motivação erótica ou a fase de vida (Kalafatis-Russell, 2021; Niebudek & Iniewicz, 2023). Assim, a literatura descreve tanto trajetórias em que os papéis se mantêm relativamente consistentes ao longo do tempo, como percursos marcados pela alternância e pela adaptação (Botta et al., 2019; Martinez, 2017; Westlake & Mahan, 2023).

No que respeita aos padrões de diferenciação, a literatura evidencia a influência de variáveis como o género e a orientação sexual. Indivíduos que se identificam com o género masculino tendem a relatar maior interesse por práticas associadas à dominância, *voyeurismo*, sadismo e fetichismo, enquanto indivíduos que se identificam com o género feminino referem com mais frequência fantasias e atividades de cariz masoquista (Dawson et al., 2014; Jozifkova, 2018). No entanto, esta diferenciação não deve ser interpretada de forma rígida: há igualmente mulheres que relatam excitação com a dominância e homens que expressam interesse em experiências de submissão, o que ilustra a plasticidade dos papéis *kinky* (Jozifkova, 2018).

De modo consistente, estudos indicam que indivíduos *queer* e pansexuais, bem como aqueles que se identificam como *switches*, tendem a exibir maior variabilidade na forma como assumem os papéis (Martinez, 2017; Sprott, 2023).

“Ser *kinky*” versus “Fazer *kink*”

Distinguir entre ser *kinky* e fazer *kink* é fundamental para uma compreensão conceptual clara do fenómeno. *Ser kinky* remete para uma autoidentificação com uma sexualidade não normativa, que pode existir independentemente de qualquer atividade atual,

isto é, não requer parceiros ou dinâmicas eróticas. Trata-se de uma posição identitária que pode (mas não tem de) manifestar-se em contextos relacionais concretos. Já *fazer kink* designa a participação ocasional em atividades não convencionais, sem que estas impliquem uma identidade sexualmente estruturada, por exemplo, alguém que experimenta *bondage* sem se reconhecer como *kinky*.

Esta diferenciação alinha-se com o modelo tripartido de comportamento, orientação e identidade proposto por Kalafatis-Russell (2021), segundo o qual o *kink* pode ser entendido como um fenómeno multicomponencial. A dimensão comportamental refere-se ao envolvimento em práticas; a dimensão orientacional diz respeito à atração ou desejo; e a dimensão identitária corresponde à integração subjetiva dessa experiência no *self*. Estudos qualitativos sobre a construção do *self kinky* reforçam esta perspetiva, ao descrever trajetórias em que o *kink* se transforma de curiosidade experimental em elemento central da identidade (Crane, 2022).

Enquanto identidade, *ser kinky* tende a organizar-se em torno de competências, valores e significados que estruturam a vivência subjetiva e ética da sexualidade. Estes princípios são descritos na literatura *kink-affirmative* e distinguem práticas consensuais de qualquer forma de coerção, sem pressupor que a identidade precise de se expressar num contexto relacional concreto (Brown et al., 2020; Weiss, 2015).

Do ponto de vista empírico, os dados de prevalência ilustram por que motivo identidade e comportamento não são sinónimos. Em amostras representativas, as fantasias de dominação/submissão são comuns, mas apenas uma minoria se autoidentifica como praticante. Por exemplo, no estudo belga de Holvoet et al. (2017), 46.8% dos participantes reportaram pelo menos uma atividade BDSM, mas apenas 7.6% se identificaram como

praticantes. Estes padrões sustentam a ideia de que muitos “fazem *kink*” sem “serem *kinky*” e que a passagem do fazer ao ser implica processos adicionais de integração identitária.

Comunidade(s) *Kink* e Pertença

As comunidades *kink* são contextos sociais e culturais que estruturam a vivência de identidades sexuais não normativas associadas ao BDSM. Estas comunidades assumem múltiplas formas - desde eventos presenciais, até fóruns online e associações formais - e funcionam como espaços de suporte, validação e aprendizagem, que favorecem a exploração segura das práticas e a construção de pertença (Weiss, 2015; Williams, 2006; Yates & Neuer-Colburn, 2019).

A composição destas comunidades é diversa em termos de idade, género, orientação sexual e estatuto socioeconómico, o que nos mostra a pluralidade das formas de vivência do *kink*. Ainda assim, observa-se um padrão consistente: as identidades *kinky* são dinâmicas e contextualmente moduladas, influenciadas tanto por fatores individuais como estruturais (Botta et al., 2019; Niebudek & Iniewicz, 2023; Williams, 2006). A entrada nestas redes tende a ocorrer após um intervalo entre o início das fantasias e a primeira atividade, o qual diminui quando existem recursos comunitários acessíveis (De Neef et al., 2019; Pascoal et al., 2015).

A participação formal varia significativamente consoante o contexto sociocultural. A pertença tende a ser mais elevada em meios urbanos e menor em contextos marcados por invisibilidade social ou conservadorismo (Bauer, 2020; De Neef et al., 2019). Para além da dimensão social, estas comunidades desempenham também uma função educativa, baseada numa aprendizagem predominantemente experiencial, que ocorre tanto em espaços formais como informais, com foco no consentimento e na segurança (Sprott et al., 2019; Yates & Neuer-Colburn, 2019).

A importância psicológica e social destas comunidades pode ser compreendida à luz do modelo de stress de minoria (Meyer, 2003), que explica como o preconceito, a expectativa de rejeição e a vergonha internalizada são fontes de stress nos grupos sexualmente estigmatizados. A pertença comunitária surge, assim, como fator protetor, ao promover resiliência e integração identitária através da validação e do suporte interpessoal. Estudos qualitativos mostram que, em contextos comunitários, narrativas de vergonha e marginalização são frequentemente ressignificadas em experiências de orgulho e legitimidade, ao reforçar trajetórias de autoaceitação e coesão identitária (Simula, 2019; Weiss, 2015).

O sentimento de pertença comunitária surge, portanto, como uma dimensão central da identidade *kinky* e como um promotor do bem-estar relacional. A participação nestes espaços cria oportunidades de reconhecimento e confiança mútua, ao fortalecer a consistência identitária e a estabilidade dos papéis ao longo do tempo (Holvoet et al., 2017; LeBlanc, 2020). Apesar disso, a pertença permanece minoritária em muitas amostras, frequentemente limitada por barreiras estruturais, medo de exposição pública e restrições geográficas ou culturais (Bauer, 2020).

O Presente Estudo

Apesar do contributo significativo da literatura para a compreensão das práticas, papéis e identidades *kinky*, é evidente uma lacuna conceptual: a maioria dos estudos tende a abordar estas dimensões de forma fragmentada, sem as articular de modo integrado nem distinguir claramente entre autoidentificação como *kinky* e realização de práticas *kink*. Esta distinção é fundamental, pois permite compreender que nem todos os indivíduos que praticam *kink* se reconhecem como *kinky*, e que a identidade pode existir independentemente do comportamento.

Partindo desta narrativa, o presente estudo procura explorar a identidade *kinky* não apenas como reflexo de atividades, mas enquanto posição subjetiva. O objetivo geral consiste em analisar as relações entre fantasias, atividades e consistência temporal dos papéis em função da autoidentificação como *kinky* e do sentimento de pertença comunitária. Esta perspectiva está ancorada numa abordagem não patologizante e sustentada em autores que sublinham a legitimidade do *kink* como expressão legítima da diversidade sexual e identitária (Pitagora, 2017; Vivid, 2020; Weiss, 2015; Wright, 2018).

De forma mais específica, pretende-se: (i) examinar as associações entre práticas *kink*, papéis assumidos e a temporalidade do envolvimento (idades da primeira fantasia e da primeira atividade); (ii) comparar indivíduos que se autoidentificam como *kinky* com aqueles que não o fazem, ainda que relatem práticas *kink*, relativamente ao número e frequência de práticas, à proporção de fantasias concretizadas e à consistência dos papéis; e (iii) avaliar o impacto de variáveis sociodemográficas e contextuais (nomeadamente género, orientação sexual, escolaridade e zona de residência) e testar o papel do sentimento de pertença comunitária, considerando também a sua função moderadora nas relações entre práticas e papéis *kink*.

Com base na literatura, formulam-se as seguintes hipóteses. Em primeiro lugar, prevê-se que a frequência de fantasias se associe positivamente à frequência de atividades (H1), conforme descrito por Joyal e colaboradores (2015) e Joyal e Carpentier (2016). No plano sociodemográfico, espera-se que indivíduos do género masculino se identifiquem mais frequentemente com papéis de dominância, enquanto indivíduos do género feminino se associem sobretudo a papéis de submissão (Martinez, 2017) (H2). Em consonância, prevê-se que sujeitos do género masculino apresentem um interesse mais elevado em BDSM, com conseqüente maior frequência de fantasias (H3), de atividades (H4) e de concretização de fantasias (H5) (Holvoet et al., 2017).

Em relação à orientação sexual, a literatura indica que indivíduos com identidades não heterossexuais revelam maior prevalência de práticas *kink*, possivelmente associada a maior abertura experiencial e suporte comunitário. Assim, antecipa-se que apresentem maior probabilidade de assumir pelo menos um papel *kink* (H6), bem como maior frequência de fantasias (H7), de atividades (H8) e de concretização de fantasias (H9) (Holvoet et al., 2017; Richters et al., 2003, 2008; Sprott, 2023).

Considera-se também que níveis mais elevados de escolaridade e a residência em meios urbanos se associem a maior envolvimento em práticas *kink* (H10), refletindo não só maior acesso à informação, mas também a existência de comunidades e eventos que favorecem a exploração sexual não normativa (Bauer, 2008; Brown et al., 2020; Ten Brink et al., 2020).

No eixo identitário, estudos indicam que indivíduos praticantes *kinky*/BDSM tendem a apresentar maior diversidade e número de comportamentos sexuais face à população geral. Assim, espera-se que a autoidentificação como *kinky* se relacione com maior frequência de fantasias (H11) e de atividades (H12), com uma maior proporção de fantasias concretizadas (H13) e com um número mais elevado de práticas *kink* (H14) (De Neef et al., 2019; Joyal et al., 2015; Richters et al., 2008; Schuerwegen et al., 2020; Westlake & Mahan, 2023). Adicionalmente, prevê-se que a consistência temporal dos papéis seja mais elevada quando estes são assumidos como dimensão identitária (H15), o que reforça a diferença entre praticar *kink* e integrar o *kink* como parte do self (Crane, 2022; Niebudek & Iniewicz, 2023).

No que respeita à temporalidade do envolvimento, formula-se a expectativa de que indivíduos que se autoidentificam como *kinky* relatem idades mais jovens para a primeira fantasia e para a primeira atividade, bem como um intervalo fantasia–atividade mais curto (H16 e H17), uma vez que a integração identitária e o envolvimento comunitário tendem a

facilitar a transição da fantasia para a atividade(Crane, 2022; De Neef et al., 2019; Holvoet et al., 2017; Simula, 2019; Yates & Neuer-Colburn, 2019).

Assim, propõe-se que o sentimento de pertença comunitária exerça um papel moderador nas relações entre fantasias, atividades e papéis (H18). Níveis mais elevados de pertença deverão reforçar a associação entre fantasias e atividades e favorecer maior estabilidade identitária, enquanto níveis mais baixos tenderão a enfraquecer essas ligações. Em simultâneo, um envolvimento comunitário mais intenso pode também associar-se a maior fluidez de papéis (Cesur & Sancak, 2024; Martinez, 2017; Simula, 2017).

Anexo B. Referências da Revisão de Literatura Extensa

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., pp. 685–705). American Psychiatric Publishing. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- Bauer, R. (2008). Transgressive and transformative gendered sexual practices and white privilege: The case of the dyke/trans/BDSM communities. *Women's Studies Quarterly*, 36(3–4), 233–253.
- Bauer, R. (2020). BDSM. In A. McClelland & M. L. Wilkinson (Eds.), *Global sexualities: An introduction* (pp. 235–248). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781351180435>
- Bezreh, T., Weinberg, T. S., & Edgar, T. (2012). BDSM disclosure and stigma management: Identifying opportunities for sex education. *American Journal of Sexuality Education*, 7(1), 37–61. <https://doi.org/10.1080/15546128.2012.650984>
- Botta, D., Nimbi, F. M., Tripodi, F., Silvaggi, M., & Simonelli, C. (2019). Are role and gender related to sexual function and satisfaction in men and women practicing BDSM? *The*

Journal of Sexual Medicine, 16(4), 463–473.

<https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2019.01.001>

Brown, A., Barker, E. D., & Rahman, Q. (2020). A systematic scoping review of the prevalence, etiological, psychological, and interpersonal factors associated with BDSM. *The Journal of Sex Research*, 57(6), 781–811.

<https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1665619>

Cesur, E., & Sancak, B. (2024). Evaluation of sexual behavior and sexual functions of BDSM practitioners: A controlled study. *Archives of Neuropsychiatry*, 61(2), 148–153.

<https://doi.org/10.29399/npa.2024.22117>

Connolly, P. H. (2006). Psychological functioning of Bondage/Domination/Sado-Masochism (BDSM) practitioners. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18(1), 79–120.

https://doi.org/10.1300/J056v18n01_05

Crane, D. (2022). Exploring the kink identity: Community, stigma, and self-concept among BDSM practitioners (Doctoral dissertation). California Institute of Integral Studies.

Cunha, O. O., Ornelas, J., & Vargas Moniz, M. J. (2018). Sentimento psicológico de comunidade: Estudo da escala SCI-2 num contexto associativo. *Análise Psicológica*,

36(4), 515–526. <https://doi.org/10.14417/ap.1362>

Dawson, S. J., Bannerman, B. A., & Lalumière, M. L. (2014). Paraphilic interests: An examination of sex differences in a nonclinical sample. *Archives of Sexual Behavior*,

45(2), 113–123. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0363-8>

De Neef, N., Coppens, V., Huys, W., & Morrens, M. (2019). Bondage-Discipline, Dominance-Submission and Sadomasochism (BDSM) from an integrative biopsychosocial perspective: A systematic review. *Sexual Medicine*, 7(2), 129–144.

<https://doi.org/10.1016/j.esxm.2019.02.002>

- Eastman-Mueller, H., Oswalt, S. B., & Nevers, J. M. (2021). Sexual diversity on college campuses: Using a BDSM framework to discuss consent. *Journal of American College Health*. <https://doi.org/10.1080/07448481.2021.1905649>
- Faccio, E., Sarigu, D., & Iudici, A. (2020). What is it like to be a BDSM player? The role of sexuality and erotization of power in the BDSM experience. *Sexuality & Culture*, 24(6), 1641–1652. <https://doi.org/10.1007/s12119-020-09703-x>
- Graham, B. C., Butler, S. E., McGraw, R., Cannes, S. M., & Smith, J. (2016). Member perspectives on the role of BDSM communities. *The Journal of Sex Research*, 53(8), 895–909. <https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1067758>
- Harrison, M. A., & Murphy, B. E. (2021). Sexual fetishes: Sensations, perceptions, and correlates. *Psychology & Sexuality*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/19419899.2021.1915368>
- Holvoet, L., Huys, W., Coppens, V., Seeuws, J., Goethals, K., & Morrens, M. (2017). Fifty Shades of Belgian Gray: The prevalence of BDSM-related fantasies and activities in the general population. *The Journal of Sexual Medicine*, 14(9), 1152–1159. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2017.07.003>
- Hughes, S. D., & Hammack, P. L. (2019). Affirmation, compartmentalization, and isolation: Narratives of identity sentiment among kinky people. *Psychology & Sexuality*. <https://doi.org/10.1080/19419899.2019.1575896>
- Joyal, C. C., & Carpentier, J. (2016). The prevalence of paraphilic interests and behaviors in the general population: A provincial survey. *The Journal of Sex Research*, 54(2), 161–171. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1139034>
- Joyal, C. C., Cossette, A., & Lapierre, V. (2015). What exactly is an unusual sexual fantasy? *The Journal of Sexual Medicine*, 12(2), 328–340. <https://doi.org/10.1111/jsm.12734>

- Jozifkova, E. (2018). Sexual arousal by dominance and submissiveness in the general population: How many, how strongly, and why? *Deviant Behavior*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/01639625.2017.1410607>
- Kalafatis-Russell, A. R. (2021). *Doing kink vs. being kinky: A systematic scoping review of the literature on BDSM behavior, orientation, and identity* (Master's thesis, University of North Florida). UNF Graduate Theses and Dissertations, 1108. <https://digitalcommons.unf.edu/etd/1108>
- Kolmes, K., Stock, W., & Moser, C. (2006). Investigating bias in psychotherapy with BDSM clients. *Journal of Homosexuality*, 50(2–3), 301–324. https://doi.org/10.1300/J082v50n02_15
- Larva, M. A., & Rantala, M. J. (2024). An evolutionary psychological approach toward BDSM interest and behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 53(7), 2253–2267. <https://doi.org/10.1007/s10508-024-02881-x>
- Martinez, K. (2017). BDSM role fluidity: A mixed-methods approach to investigating switches within dominant/submissive binaries. *Journal of Homosexuality*, 65(10), 1–32. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1374062>
- Marujo, C., Cardoso, D., & Oliveira, A. (2023). Sexual fluidity, BDSM and gender: An exploratory study on Portuguese BDSM practitioners. *Sexuality & Culture*, 28, 983–1007. <https://doi.org/10.1007/s12119-023-10159-y>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>

- Niebudek, A., & Iniewicz, G. (2023). Between a role and identification. Understanding BDSM practices from practitioners' perspective. *Psychiatria Polska*, 57(1), 121–146. <https://doi.org/10.12740/PP/144162>
- Pascoal, M. P., Cardoso, D., & Henriques, R. (2015). Sexual satisfaction and distress in sexual functioning in a sample of the BDSM community: A comparison study between BDSM and non-BDSM contexts. *The Journal of Sexual Medicine*, 12(4), 1052–1061. <https://doi.org/10.1111/jsm.12835>
- Pitágora, D. (2017). No pain, no gain? Therapeutic and relational benefits of subspace in BDSM contexts. *Journal of Positive Sexuality*, 3(3), 44–52.
- Pohtinen, J. (2016). Creating a feeling of belonging: Solidarity in Finnish kink communities. *SQS - Journal of Queer Studies in Finland*, 10(1–2), 21–34. <https://doi.org/10.23980/sqs.63645>
- Pohtinen, J. (2019). From secrecy to pride: Negotiating the kink identity, normativity, and stigma. *Etnologia Fennica*, 46(1), 84–108. <https://doi.org/10.23991/ef.v%vi%i.74306>
- Rehor, J. E. (2015). Sensual, erotic, and sexual behaviors of women from the “kink” community. *Archives of Sexual Behavior*, 44(4), 825–836. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0524-2>
- Richters, J., de Visser, R. O., Rissel, C. E., Grulich, A. E., & Smith, A. M. A. (2008). Demographic and psychosocial features of participants in bondage and discipline, “somasochism” or dominance and submission (BDSM): Data from a national survey. *The Journal of Sexual Medicine*, 5(7), 1660–1668. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2008.00795.x>
- Richters, J., Grulich, A. E., de Visser, R. O., Smith, A. M. A., & Rissel, C. E. (2003). Sex in Australia: Autoerotic, esoteric and other sexual practices engaged in by a representative

- sample. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 27(2), 180–190.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-842X.2003.tb00806.x>
- Schuerwegen, A., Huys, W., Coppens, V., De Neef, N., Henckens, J., Goethals, K., & Morrens, M. (2020). The psychology of kink: A cross-sectional survey study investigating the roles of sensation seeking and coping style in BDSM-related interests. *Archives of Sexual Behavior*, 49(8), 2705–2720. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01776-9>
- Simula, B. L. (2017). “A different economy of bodies and pleasures”?: Differentiating and evaluating sex and sexual BDSM experiences. *Journal of Homosexuality*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1398017>
- Simula, B. L. (2019). Pleasure, power, and pain: A review of the literature on the experiences of BDSM participants. *Sociology Compass*, 13(3), e12668.
<https://doi.org/10.1111/soc4.12668>
- Simula, B. L., Bauer, R., & Wignall, L. (Eds.). (2023). *The power of BDSM: Play, communities, and consent in the 21st century*. Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/oso/9780197658598.001.0001>
- Sprott, R. A. (2023). The intersection of LGBTQ+ and kink sexualities: A review of the literature with a focus on empowering/positive aspects of kink involvement for LGBTQ+ individuals. *Current Sexual Health Reports*, 15(3), 107–112.
<https://doi.org/10.1007/s11930-023-00360-3>
- Sprott, R. A., & Hadcock, B. B. (2017). Bisexuality, pansexuality, queer identity, and kink identity. *Sexual and Relationship Therapy*, 32(3–4), 1–21.
<https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1347616>
- Sprott, R. A., Meeker, C., & O’Brien, M. (2019). Kink community education: Experiential learning and communities of practice. *Journal of Positive Sexuality*, 5(2), 48–58.

- Sprott, R. A., Vivid, J., Vilkin, E., Swallow, L., Lev, E. M., Orejudos, J., & Schnittman, D. (2020). A queer boundary: How sex and BDSM interact for people who identify as kinky. *Sexualities*, 0(0), 1–25. <https://doi.org/10.1177/1363460720944594>
- Stockwell, F. M. J., Walker, D. J., & Eshleman, J. W. (2010). Measures of implicit and explicit attitudes toward mainstream and BDSM sexual terms using the IRAP and questionnaire with BDSM/fetish and student participants. *The Psychological Record*, 60(3), 307–324. <https://doi.org/10.1007/BF03395709>
- Ten Brink, S., Coppens, V., Huys, W., & Morrens, M. (2020). The psychology of kink: A survey study into the relationships of trauma and attachment style with BDSM interests. *Sexuality Research and Social Policy*, 18(1), 1–12. <https://doi.org/10.1007/s13178-020-00438-w>
- Vilhena, I., Martins, M., Cardoso, D., & Duarte, E. (2025). Construction and validation of a questionnaire on kinky and BDSM fantasies and activities in Portuguese adults. *The Journal of Sex Research*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/00224499.2025.2518527>
- Vivid, J., Lev, E. M., & Sprott, R. A. (2020). The structure of kink identity: Four key themes within a world of complexity. *Journal of Positive Sexuality*, 6(2), 75–88. <https://doi.org/10.51681/1.632>
- Walker, A. M., & Kuperberg, A. (2022). Pathways and patterns of entrance into BDSM. *Archives of Sexual Behavior*, 51(4), 1045–1062. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02154-x>
- Weinberg, T. S. (2006). Sadoomasochism and the social sciences: A review of the sociological and social psychological literature. *Journal of Homosexuality*, 50(2–3), 17–40. https://doi.org/10.1300/J082v50n02_02

- Weiss, M. (2015). BDSM (bondage, discipline, domination, submission, sadomasochism). In P. Whelehan & A. Bolin (Eds.), *The International Encyclopedia of Human Sexuality* (pp. 235–248). Wiley-Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118896877.wbiehs051>
- Westlake, B., & Mahan, I. (2023). An international survey of BDSM practitioner demographics: The evolution of purpose for, participation in, and engagement with, kink activities. *The Journal of Sex Research*. <https://doi.org/10.1080/00224499.2023.2273266>
- Williams, D. J. (2006). Different (Painful!) strokes for different folks: A general overview of sexual sadomasochism (SM) and its diversity. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 13(4), 333–346. <https://doi.org/10.1080/10720160601011240>
- Wright, S. (2018). De-pathologization of consensual BDSM. *The Journal of Sexual Medicine*, 15(5), 622–624. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2018.02.018>
- Yates, S. M., & Neuer-Colburn, A. A. (2019). Counseling the kink community: What clinicians need to know. *Journal of Counseling Sexology & Sexual Wellness: Research, Practice, and Education*, 1(1), 14–22. <https://doi.org/10.34296/01011007>
- Yost, M. R., & Hunter, L. E. (2012). BDSM practitioners' understandings of their initial attraction to BDSM sexuality: Essentialist and constructionist narratives. *Psychology & Sexuality*, 3(3), 244–259. <https://doi.org/10.1080/19419899.2012.700028>

Anexo C. Consentimento Informado



Consentimento Informado

Este estudo está a ser realizado no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA-Instituto Universitário, pelas mestrandas Alexandra e Mariana Duarte sob orientação da Professora Doutora Eva Duarte. Esta investigação tem como objetivo caracterizar diversas vivências sexuais e afetivas. Será solicitado que preencha um breve questionário sobre estes temas.

A sua participação é totalmente voluntária, pelo que tem o direito de desistir do estudo a qualquer momento. As suas respostas serão utilizadas apenas para os propósitos deste estudo e todos os dados recolhidos permanecerão confidenciais e anónimos.

Caso exista alguma questão adicional, ou caso queira solicitar acesso aos resultados do estudo, por favor entre em contacto: alexmar.psi@gmail.com

Ao continuar, confirmo que li e compreendi as informações fornecidas acima, que tenho 18 anos ou mais, nacionalidade portuguesa, compreendo a língua, que a minha decisão de participar é inteiramente voluntária e consinto em participar neste estudo.

Anexo D. Inventário de Fantasia e Atividades *Kinky* (IFAKBDSM)

	Fantasia					Período Temporal da Fantasia				Atividade					Período Temporal da Atividade			
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4
Ser submisso e obedecer a ordens que me são dadas por alguém dominante																		
Observar uma pessoa a causar dor a outra																		
Penetrar alguém com um objeto grande (punho, dildo grande, etc)																		
Baterem-me com um objeto (ex: cinto, chicote, paddle, flogger, etc)																		
Ficar sexualmente excitado por partes do corpo específicas (ex: seios, pés, cabelo, nariz, mãos, etc)																		
Ser arranhado, beliscado ou ter o cabelo puxado por outra pessoa																		

<p>Ficar sexualmente excitado por tipos de tecido específicos (ex: couro, borracha, vinil, etc)</p>																											
<p>Ter a minha respiração obstruída por alguém (ex: fazendo uso das mãos ou plástico, breath play, ser estrangulado, ser enforcado, etc)</p>																											
<p>“Forçar” alguém a realizar atos sexuais (masturbação, outros comportamentos sexuais, nudez, etc)</p>																											
<p>Ser fisicamente humilhado por alguém (ex: receber chapadas na cara, baterem-me, rastejar, etc)</p>																											
<p>Ficar sexualmente excitado por fluídos corporais (ex: sémen, saliva, urina, sangue, suor, etc)</p>																											

6. Muito importante

Quão exata é cada uma das seguintes declarações para descrever o modo como se sente em relação à comunidade *kink*?

	1	2	3	4
1. Consigo satisfazer importantes necessidades pessoais porque faço parte desta comunidade.				
2. Os membros desta comunidade e eu valorizamos as mesmas coisas.				
3. Esta comunidade tem tido sucesso na satisfação das necessidades dos seus membros.				
4. Ser um membro desta comunidade faz-me sentir bem.				
5. Quando tenho um problema, posso falar sobre ele com membros desta comunidade				
6. As pessoas desta comunidade têm necessidades, prioridades e objetivos semelhantes.				
7. Posso confiar nas pessoas desta comunidade.				
8. Sou capaz de reconhecer a maior parte dos membros desta comunidade				
9. A maior parte dos membros desta comunidade conhece-me.				
10. Esta comunidade tem símbolos e expressões de filiação, tais como roupas, sinais, arte, arquitetura, logótipos, pontos de referência e bandeiras que as pessoas conseguem reconhecer.				

11. Dedico muito tempo e esforço ao fazer parte desta comunidade.				
12. Ser um membro desta comunidade faz parte da minha identidade.				
13. É importante para mim adaptar-me a esta comunidade.				
14. A comunidade <i>kink</i> pode influenciar outras comunidades.				
15. Dou importância ao que os outros membros desta comunidade pensam de mim.				
16. Tenho influência sobre aquilo que esta comunidade é.				
17. Se há um problema nesta comunidade, os seus membros conseguem resolvê-lo.				
18. Esta comunidade tem bons líderes.				
19. É muito importante para mim fazer parte desta comunidade.				
20. Passo muito tempo com outros membros desta comunidade e gosto de estar com eles.				
21. Espero fazer parte desta comunidade durante muito tempo.				
22. Os membros desta comunidade viveram momentos importantes em conjunto, tais como férias, celebrações ou desastres.				
23. Tenho esperança em relação ao futuro desta comunidade.				
24. Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros.				

Nota. Versão portuguesa da *Sense of Community Index 2* (SCI-2), validada por Cunha et al. (2018), adaptada para o contexto *kinky*/BDSM. As respostas variam entre 1 (*De maneira nenhuma*) e 4 (*Completamente*).

Anexo F. Questionário do Contexto *Kinky*/BDSM

1. Com que frequência tem fantasias *kink*/BDSM?
 - Nunca
 - Raramente
 - Mensalmente
 - Semanalmente
 - Diariamente
2. Com que idade teve a sua primeira fantasia *kink*/BDSM ? _____
3. Quantas das suas fantasias se tornaram práticas reais?
 - Nenhuma
 - Algumas
 - Cerca de metade
 - A maioria
 - Todas
4. Com que frequência pratica atividade *kink*/BDSM?
 - Nunca
 - Raramente
 - Mensalmente
 - Semanalmente
 - Diariamente
5. Com que idade praticou pela primeira vez uma atividade *kink*/BDSM? _____
6. Dentro do contexto *kink*/BDSM, identifica-se com algum papel? (Ex: submisso, dominante, brat, sádico, masoquista, etc)?
 - Sim, qual? _____
 - Não
7. Com que idade se começou a identificar com esse papel? (Responda apenas em números)? _____
8. Considera que este papel se manteve consistente ao longo da sua vida?
 - Sim

- Não
9. Sente-se confortável em experimentar novos papéis?
- Nada confortável
- Pouco confortável
- Moderadamente confortável
- Confortável
- Muito confortável
10. Com que frequência participa em eventos *kink*/BDSM?
- Nunca
- Raramente
- Ocasionalmente
- Frequentemente
- Sempre
11. Que tipo de eventos *kink*/BDSM frequenta? (Selecione todos os que aplicam)
- Eventos públicos/semi públicos (ex.: *the gathering party*; *lisbon fetish weekend*)
- Munches*
- Workshops* ou formações
- Sessões em clubes privados
- Feiras eróticas
- Mercados (ex: *kinky market*; mercado alternativo de produtos de erótica)
- Outros (especificar): _____
12. Qual o principal motivo pelo qual participa nesses eventos? _____
13. Considera que pertence a alguma comunidade *kink*/BDSM?
- Sim
- Não
14. Sente que o envolvimento na comunidade *kink*/BDSM contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal?
- Não contribuiu nada
- Contribuiu pouco
- Contribuiu moderadamente
- Contribuiu
- Contribuiu muito
15. Em que áreas? (Selecione todos os que aplicam)

- Confiança pessoal
- Autoconhecimento
- Comunicação interpessoal
- Definição de limites
- Outros (especificar): _____

16. Sente que as suas práticas *kink*/BDSM evoluíram ou mudaram ao longo do tempo devido à interação com a comunidade?

- Sim
- Não

17. Quão importante é, para si, ter um sentimento de comunidade com outros membros da comunidade *kink*/BDSM?

- Prefiro não fazer parte desta comunidade
- Nada importante
- Não muito importante
- Algo importante
- Importante
- Muito importante

18. Participa em atividades formativas dentro da comunidade?

- Sim
- Não

19. Que tipo de atividades formativas?

- Workshops sobre práticas específicas (*bondage*, *wax play*, impacto, etc.)
- Palestras sobre segurança no *kink*
- Grupos de discussão para explorar limites e práticas de autocuidado
- Demonstrações de técnicas por membros experientes
- Outros (especificar): _____

20. Participa em grupos ou fóruns online relacionados com a comunidade *kink*/BDSM?

- Sim, quais? _____
- Não

Anexo G. Questionário Sociodemográfico

Por favor, indique:

Idade: __

Identidade de Género:

- Feminino • Masculino
- Não-binário • Prefiro auto-descrever __
- Prefiro não revelar

Orientação Sexual:

- Heterossexual • Homossexual
- Bissexual • Pansexual
- Assexual • Prefiro auto-descrever __
- Prefiro não revelar

Distrito de Residência: __

Habilitações Literárias:

- 4º ano de escolaridade • 6º ano de escolaridade
- 9º ano de escolaridade • 12º ano de escolaridade
- Licenciatura/Bacharelado • Curso Tecnológico/Profissional
- Mestrado • Doutoramento
- Pós-graduação

Anexo H. Caracterização Sociodemográfica e Descritiva da Amostra

Tabela H1

Estatísticas descritivas da variável idade dos participantes (N = 430)

	N	M	Mdn	DP	Percentil 25	Percentil 75
Idade	430	29.2	24.5	10.59	22	33

Nota. A variável idade está expressa em anos.

Anexo H: Tabela H2

Dados sociodemográficos dos participantes (N = 430)

		n	%
Género	Feminino	277	64.4
	Masculino	132	30.7
	Não binário	12	2.8
	Prefiro autodescrever	4	.9
	Prefiro não revelar	5	1.2
Qualificações Académicas	6º ano	1	.2
	9º ano	5	1.2
	12º ano	71	16.5
	Licenciatura/Bacharelado	233	54.2
	Mestrado	93	21.6
	Doutoramento	6	1.4
	Curso Profissional	9	2.1
	Pós-Graduação	12	2.8
	Aveiro	4	.9

Distrito de Residência	Beja	3	.7
	Braga	14	3.3
	Castelo Branco	12	2.8
	Coimbra	20	4.7
	Évora	1	.2
	Faro	11	2.6
	Madeira	4	.9
	Leiria	12	2.8
	Lisboa	263	61.2
	Portalegre	1	.2
	Porto	31	7.2
	Santarém	6	1.4
	Setúbal	35	8.1
	Vila Real	2	.5
	Viseu	3	.7
	Bragança	2	.5
	Guarda	1	.2
Outro	5	1.2	
Estatuto Relacional	Solteiro	180	41.9
	Casado	42	9.8
	Divorciado	16	3.7
	Viúvo	3	.7
	União de facto	31	7.2
	Em relacionamento(s)	152	35.3
	Prefiro não revelar	3	.7
	Outro	3	.7
Orientação Sexual	Heterossexual	317	73.7
	Homossexual	20	4.7
	Bissexual	58	13.5
	Pansexual	17	4

Assexual	2	.5
Demissexual	4	.9
Prefiro autodescrever	9	2.1
Prefiro não revelar	3	.7

Nota. As percentagens referem-se à proporção de participantes válidos em cada categoria.

Anexo I. Estatísticas Descritivas dos Instrumentos

Tabela I1

*Estatísticas descritivas das dimensões do Índice de Sentimento de Comunidade kinky/BDSM
(N = 47)*

	N	M	Mdn	DP
Consigo satisfazer importantes necessidades pessoais porque faço parte desta comunidade	47	3.13	3	.92
Os membros desta comunidade e eu valorizamos as mesmas coisas	47	3.64	4	.67
Esta comunidade tem tido sucesso na satisfação das necessidades dos seus membros	47	3.45	3	.75

Ser um membro desta comunidade faz-me sentir bem	47	3.62	4	.8
Quando tenho um problema, posso falar sobre ele com membros desta comunidade	47	3.3	3	.93
As pessoas desta comunidade têm necessidades, prioridades e objetivos semelhantes	47	3.66	4	.64
Posso confiar nas pessoas desta comunidade	47	3.26	3	.68
Sou capaz de reconhecer a maior parte dos membros desta comunidade	47	2.66	3	1.07
A maior parte dos membros desta	47	2.6	3	1.01

**comunidade
conhece-me**

Esta comunidade tem símbolos e expressões de filiação, tais como roupas, sinais, arte, arquitetura, logótipos, pontos de referência e bandeiras que as pessoas conseguem reconhecer	47	2.91	3	1.14
Dedico muito tempo e esforço ao fazer parte desta comunidade	47	2.62	3	.99
Ser um membro desta comunidade faz parte da minha identidade	47	3.11	3	1.11
É importante para mim	47	2.74	3	1.07

**adaptar-me a
esta comunidade**

**A comunidade
kinky, enquanto
comunidade,
pode influenciar
outras
comunidades** 47 3.38 4 1.07

**Dou importância
ao que os outros
membros desta
comunidade
pensam de mim** 47 2.4 3 1.1

**Tenho influência
sobre aquilo que
esta comunidade
é** 47 2.4 2 1.04

**Se há um
problema nesta
comunidade, os
seus membros
conseguem
resolvê-lo** 47 3.3 3 .83

**Esta comunidade
tem bons líderes** 47 3.17 3 1.13

**É muito
importante para** 47 3.13 3 .97

**mim fazer parte
desta
comunidade**

Passo muito tempo com outros membros desta comunidade e gosto de estar com eles	47	2.96	3	1.12
--	----	------	---	------

Espero fazer parte desta comunidade durante muito tempo	47	3.64	4	1.03
--	----	------	---	------

Os membros desta comunidade viveram momentos importantes em conjunto, tais como férias, celebrações ou desastres	47	2.64	3	1.19
---	----	------	---	------

Tenho esperança em relação ao futuro desta comunidade	47	3.6	4	.93
--	----	-----	---	-----

Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros	47	3.34	3	.76
---	----	------	---	-----

Nota. A escala de resposta variou entre 1 (*De maneira nenhuma*) e 4 (*Completamente*).

Tabela I2

Estatísticas descritivas do Questionário do Contexto Kinky/BDSM (N = 430)

	n	M	Mdn	DP
Nº de atividade <i>kinky</i>/BDSM	430	7.02	6	5.93
Frequência de fantasias <i>kinky</i>/BDSM	430	2.37	2	1.33
Frequência de atividades <i>kinky</i>/BDSM	430	1.89	2	1.03
Proporção de fantasias concretizadas	276	2.67	2	1.09
Conforto com a adoção de novos papéis <i>kinky</i>/BDSM	430	2.62	3	1.18
Participação em eventos <i>kinky</i>/BDSM	430	1.28	1	.72
Contributo da pertença para o desenvolvimento pessoal	47	3.53	4	1.12
Idade da primeira fantasia <i>kinky</i>/BDSM	271	17.4	17	4.30
Idade da primeira prática <i>kinky</i>/BDSM	226	20.0	19	5.40

Nota. As variáveis foram medidas em escalas de 1 a 5, exceto as idades (em anos).

Tabela I3

Testes de normalidade (Shapiro–Wilk) para as variáveis principais (N = 430)

	W	P
--	----------	----------

Nº atividades <i>kinky</i>	.967	< .001
Frequência de fantasias <i>kinky</i>	.837	< .001
Frequência de atividades <i>kinky</i>	.881	< .001
Fantasias concretizadas	.877	< .001
Consistência dos papéis	.918	< .001
Idade da primeira fantasia	.888	< .001
Idade da primeira prática	.890	< .001
Intervalo fantasia – prática	.740	< .001

Nota. Todos os testes de Shapiro-Wilk indicaram violações significativas da normalidade ($p < .001$).

Anexo J. Distribuição de Frequência e Padrões de Envolvimento

Tabela J1

Distribuição da proporção de fantasias kinky/BDSM concretizadas (n = 276)

	n	%
Nenhuma	34	7.9
Algumas	112	26
Cerca de metade	49	11.4
A maioria	72	16.7
Todas	9	2.1
Total	276	100

Nota. A escala de resposta variou entre 1 (*Nenhuma*) e 5 (*Todas*). A moda foi 2 (*Algumas*).

Tabela J2

Distribuição do conforto com a adoção de novos papéis kinky/BDSM (N = 430)

	n	%
Nada confortável	103	24
Pouco confortável	82	19.1

Moderadamente confortável	138	32.1
Confortável	88	20.5
Muito confortável	19	4.4
Total	430	100

Nota. A escala variou entre 1 (*Nada confortável*) e 5 (*Muito confortável*). A moda foi 3 (*Moderadamente confortável*).

Tabela J3

Distribuição da frequência de participação em eventos kinky/BDSM (N = 430)

	n	%
Nunca	359	83.5
Raramente	37	8.6
Ocasionalmente	20	4.7
Frequentemente	12	2.8
Sempre	2	0.5
Total	430	100

Nota. A escala variou entre 1 (*Nunca*) e 5 (*Sempre*). A moda foi 1 (*Nunca*).

Anexo K. Sentimento de Pertença Comunitária e Participação

Tabela K1

Domínios de desenvolvimento atribuídos à pertença comunitária (N = 47)

	n	%
Autoconhecimento	39	83
Definição de limites	21	44.7
Comunicação interpessoal	17	36
Confiança pessoal	15	31.9
Outros	16	34.0

Nota. Os participantes podiam selecionar mais do que uma opção.

Tabela K2

Participação em diferentes tipos de formação sobre kink/BDSM (N = 430)

	N	%
Workshops sobre práticas específicas	16	3.7
Grupos de discussão sobre limites e autocuidado	13	3
Demonstrações de técnicas por membros experientes	13	3
Palestras sobre segurança no kink/BDSM	12	2.8
Outros	2	.5

Nota. Os participantes podiam selecionar mais do que uma opção.

Tabela K3

Participação em diferentes tipos de eventos kinky/BDSM (N = 430)

	N	%
Eventos privados (ex.: <i>play parties</i>)	27	6.3
Eventos públicos (ex.: feiras, festas)	23	5.3
Mercados alternativos / feiras temáticas	23	5.3
<i>Workshops</i> e formações	21	4.9
<i>Munches</i>	15	3.5
Fóruns online	40	9.3
Outros	15	3.5

Nota. Os participantes podiam selecionar mais do que uma opção.

Tabela K4

Distribuição da consistência dos papéis kinky e do sentimento de pertença comunitária (N = 430)

	Categoria	n	%
Consistência dos papéis	Sim	220	51.2

	Não	210	48.8
Sentimento de pertença comunitária	Sim	47	10.9
	Não	383	89.1

Nota. As percentagens referem-se à proporção de respostas válidas em cada categoria.